



**COORDENADORIA INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA  
LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS**

**ROSSANA FLÁVIA CUNHA HENRIQUES BARACHO**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**2014**

**ROSSANA FLÁVIA CUNHA HENRIQUES BARACHO**

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV**

Relatório final de Estágio Supervisionado IV, apresentado ao curso de Letras- EAD, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Ms. Cléa Gurjão Carneiro

**CAMPINA GRANDE –PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B223r Baracho, Rossana Flavia Cunha Henriques  
Relatório de estágio supervisionado IV [manuscrito] / Rossana  
Flavia Cunha Henriques Baracho. - 2014.  
71 p.

Digitado.  
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em Letras  
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino  
Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.  
"Orientação: Profa. Ma. Clea Gurjao Carneiro, Secretaria de  
Educação à Distância".

1.Docência. 2.Estágio supervisionado. 3.Educação. I.  
Título.

21. ed. CDD 371.12

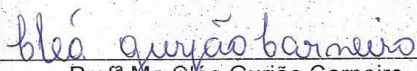
ROSSANA FLÁVIA CUNHA HENRIQUES BARACHO

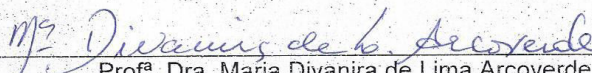
RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO


Relatório Final das atividades desenvolvidas no Estágio Supervisionado, apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras - EaD, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Graduada.

Aprovada em, 25 / 11 / 2015

BANCA EXAMINADORA

  
Profª Me. Clea Gurjão Carneiro - UEPB  
Orientadora

  
Profª. Dra. Maria Divanira de Lima Arcoverde  
Examinadora

  
Profª. Me. Maria de Fátima Coutinho Sousa  
Examinadora



## **AGRADECIMENTO**

Agradeço ao Deus Onipotente de todos os povos, que me iluminou e deu forças e coragem para seguir caminhando.

Ao meu esposo, minha cara metade, que me apoiou e ajudou quando compreendeu que a minha busca por conhecimentos era o meu combustível para viver. Que me presenteou com os meus bens mais preciosos, Diego, Jakeline e Gustavo.

Aos meus pais que me deram a vida e me ajudaram a superar tantos obstáculos que encontrei na jornada. Meu pai tão amado e jamais esquecido, que passou por minha vida muito depressa para mim, mas no tempo determinado por Deus para ele. A minha mãe que é a minha amiga leal e companheira de todas as horas.

Aos meus irmãos que muito contribuíram para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje.

Aos meus sobrinhos e demais familiares que constituem um núcleo, porto seguro onde eu sei que posso sempre aportar.

Aos meus professores e amigos que me acompanharam, sempre presentes, dispostos a compartilhar antigos e novos saberes.

Enfim, obrigada a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

“Não somos culpados pelo mundo que encontramos ao nascer. Mas precisamos, na medida de nossas possibilidades, fazer alguma coisa pelo mundo que está sendo construído (ou destruído). E que será herdado aos que hão de vir”.

(Gilberto Cotrim)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo relatar, documentar e criticar as atividades de docência no Ensino Médio realizadas pela acadêmica de graduação do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, Rossana Flávia Cunha Henriques Baracho, na disciplina de Estágio Supervisionado IV, orientado pela Professora Cléa Gurjão Carneiro e supervisionado pelo Professor Alcione da Silva Santos, professor regente da turma onde se desenvolveram as atividades de estágio. O estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Ministro José Américo de Almeida”, com turma de 2º ano do Ensino Médio, no período noturno.

O projeto de docência do estágio aqui relatados, foram desenvolvidos por Rossana Flávia Cunha Henriques Baracho, conforme estipulado no plano de ensino da disciplina, onde serão ministradas 12 horas/aula de docência.

Desta forma este relatório mostra um pouco da realidade da educação em uma instituição de ensino, observando o rendimento dos alunos durante a execução das aulas e o desempenho do estagiário em busca dos meios necessários para atingir seus objetivos com relação a aprendizagem.

O estágio possibilita aos futuros professores a compreensão das ações praticadas dentro da instituição, dando uma prévia da realidade com que irá conviver, como também para a preparação da inserção profissional.

A divisão do estágio respeitará a seguinte ordem: no capítulo I estão registradas todas as experiências vivenciadas pelo estagiário durante a graduação descrevendo um relato de todos os estágios desenvolvidos durante o curso; composto por reflexões do estagiário acerca de sua experiência docente e da sua visão e perspectivas para a carreira, no capítulo II apresenta a fundamentação teórica adotada, expondo o projeto de docência elaborado para o desenvolvimento das aulas, o panorama dos conteúdos trabalhados nas aulas e o cronograma estipulado para a realização das aulas; no capítulo III, faz-se um resumo de cada aula ministrada pelo estagiário, fazendo o relato dos conteúdos trabalhados em sala, das estratégias didáticas desenvolvidas, dos resumos adotados, dos aspectos de interação, disciplina e participação dos alunos, explicando como foi utilizado o método de avaliação. Ao final são feitas algumas considerações finais sobre o estágio, seguidas de anexos que registram passos importantes como os planos de aula, as atividades desenvolvidas e o material didático.

Portanto, faz-se necessário que a educação seja levada a sério e que a teoria e a prática caminhem juntas em favor de possibilitar a compreensão do aluno e que esta educação tenha efeito significativo em sua vida.

A experiência de estágio supervisionado proporcionou-me uma chance de verificar como se constrói um espaço de produção de conhecimento sobre a prática pedagógica desenvolvida no cotidiano escolar, através de um processo criador e inovador de análise e de reflexão aproximando-me da realidade escolar, a fim de

que possa compreender melhor os desafios que irei enfrentar no momento da prática docente, de forma crítica e consciente.

**Palavras-chave:** Docência, Estágio Supervisionado, Educação.

## ABSTRACT

This study aims to report, document and critique the teaching activities in high school conducted by academic undergraduate course Bachelor of Arts - English Language, State University of Paraiba, Flavia Cunha Rossana Henriques Baracho, the discipline of Supervised IV , directed by Professor Clea Gurjão Carneiro and supervised by Professor Alcione da Silva Santos, regent class teacher where he developed the internship. The stage was performed at the State School of Elementary and Secondary Education "Minister José Américo de Almeida," with class of 2nd year of high school, at night.

The design of the teaching stage reported here were developed by Rossana Henriques Baracho Flávia Cunha, as stipulated in the syllabus of the course, which will be given 12 hours / class teaching.

Therefore, this report shows a bit of the reality of education in an educational institution, observing student performance during the execution of the classes and the performance of the trainee seeking the means to achieve their goals for learning media.

The internship enables future teachers to understand the actions taken within the institution, giving a preview of the reality that will live, but also for the preparation of professional integration.

The division of the stage will respect the following order: in Chapter I recorded all the experiences by the trainee during graduation describing an account of all stages developed during the course; composed of reflections of the trainee about their teaching experience and their vision and prospects for career, in Chapter II presents the theoretical framework adopted by exposing the draft prepared for teaching the development of classes, the overview of the contents learned in the classroom and the timeline set for the completion of the classes; Chapter III is a summary of each class taught by the trainee, making the account of the contents in the room worked, the developed teaching strategies, adopted summaries of aspects of interaction, discipline and participation of students, explaining how we used the evaluation method. At the end some concluding remarks are made about the stage, followed by attachments that record important steps such as lesson plans, activities and developed courseware.

Therefore, it is necessary that education is taken seriously and that theory and practice go hand in hand in favor of allowing student understanding and that education has a significant effect on your life.

A supervised internship experience gave me a chance to check out how to build a space of knowledge production on pedagogical practice developed in school life through a creative and innovative process of analysis and reflection approaching me from the school reality, the so that it can better understand the challenges that will face when teaching practice, critically and consciously.

**Keywords:** Teaching, Supervised, Education.

## SUMÁRIO

|                                                     |    |
|-----------------------------------------------------|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....                             | 10 |
| <b>CAPÍTULO I: MEMÓRIAS</b> .....                   | 12 |
| <b>CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....     | 17 |
| <b>CAPÍTULO III: DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES</b> ..... | 21 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                   | 27 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                            | 28 |
| <b>ANEXOS</b> .....                                 | 29 |



## INTRODUÇÃO

Atualmente, considera-se a educação um dos setores mais importantes para o desenvolvimento de um país. É através dela que os cidadãos produzem conhecimentos e ajudam no crescimento pessoal e da nação em que vive aumentando sua renda e qualidade de vida das pessoas inseridas no contexto.

O presente relatório tem por objetivo apresentar o projeto de docência que foram adquiridos no decorrer do Estágio Supervisionado IV, voltado para o ensino de Língua Portuguesa no 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ministro José Américo de Almeida.

Ao chegar ao Ensino Médio o aluno de educação básica se depara com novas modalidades de disciplinas, dentre elas, a Literatura. Mas, o que a literatura tem a ensinar? Está é a pergunta que não quer calar.

O texto literário é fonte infinita de sentidos, onde a cada releitura o leitor encontra novos significados no texto. O conhecimento literário é estético, artístico, conhecimento que se distancia da objetividade científica para revelar novas maneiras de empreender o mundo, a vida e as relações humanas.

No entanto, a escola tende a traçar o caminho inverso para o trabalho com a literatura. O caráter estético do texto literário tem seu lugar tomado nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio para que se trabalhe outra modalidade de aula de Literatura que consiste, basicamente, na apresentação histórica de escolas literárias. A literatura sofre uma grande redução de sua real potência como conhecimento e torna-se apenas uma lista de conteúdos programáticos obrigatórios para o vestibular. E quem sofre com essa redução da literatura na escola básica é o aluno. A aula de literatura deixa de formar para informar. O aluno perde o acesso a uma forma de conhecimento única, que se trabalhada de maneira certa iria torná-lo um sujeito mais crítico, criativo e perceptível. Eis mais um paradoxo da contemporaneidade: numa sociedade onde a demanda por inovação se torna uma exigência maior a cada dia, excluiu-se a forma de conhecimento que mais possibilidades tem para o desenvolvimento das competências necessárias para se criar inovação.

A literatura é conhecimento para a vida, não para o vestibular. A literatura fomenta um conhecimento tão valioso quanto o conhecimento técnico ou científico.

O texto literário deve ser trabalhado na aula de Língua Portuguesa como ele realmente é: “um todo que contém tudo” (CASTELLI, 2008, P. 23). A literatura deve persistir na vida deles por tempo indeterminado, como fonte de aprendizagem e reaprendizagem.

## CAPÍTULO I

---

**Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.**

Karl Marx

# **1. MEMÓRIAS – CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE.**

## **1.1 BALANÇO DO ESTÁGIO.**

A realização do estágio de docência relatado neste trabalho enfrentou algumas dificuldades até chegar ao seu final. A Escola onde o estágio foi realizado disponibiliza turmas de Ensino Médio no turno da noite, onde os alunos são pessoas adultas que trabalham durante o dia, geralmente em atividades que demandam grande esforço físico, chegando o aluno a Escola já bastante cansado.

Diversos contratemplos afetaram o cumprimento das atividades de estágio, desde o período de observação até a prática de docência, destacando-se, principalmente as inúmeras paralisações que ocorreram nas Unidades Escolares, as alterações na programação do estagiário e no desenvolvimento do cronograma do projeto de docência.

Os planos de aula foram sempre executados atendendo as expectativas propostas. A seleção dos textos e atividades propostas proporcionaram boas aulas, interativas, dialogadas e reflexivas. O estagiário critica apenas a carga de conteúdos e o tempo de duração das aulas de 90 minutos, tornando difícil as vezes a apreensão dos conteúdos por todos os alunos.

O desenvolvimento das aulas ocorreu, em geral, de maneira bastante positiva. Os alunos participaram das atividades propostas, interagiram entre si e com o professor estagiário e realizaram as tarefas e avaliações. Não foram necessárias intervenções para chamar a atenção quanto a disciplina, e nas poucas vezes em que o fato ocorreu, os alunos atenderam prontamente.

Por fim, a avaliação do estagiário sobre sua experiência docente é positiva, pois, apesar dos contratemplos e imprevistos que ocorreram no decorrer da jornada, a resposta dos alunos durante as aulas e no desenvolvimento das atividades forneceu indícios positivos de que o cumprimento das propostas e planejamentos alcançou os objetivos esperados.

## **1.2. O MAGISTÉRIO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.**

A função social da Escola tem variado ao longo do tempo, relacionando-se aos diferentes momentos da história, as culturas de países, regiões e povos. Isto porque, cada sociedade e cultura cria suas próprias formas de educação e de escolarização. Guardando uma especificidade com os diferentes contextos de origem, ao mesmo tempo, mantêm-se elementos comuns ao processo de transmissão de conhecimentos, valores e formas de convivência social que constituem a essência da tarefa escolar. Assim é que a educação une o passado ao futuro. Comunica a herança cultural das gerações precedentes à luz das exigências do mundo de amanhã. O conhecimento transmitido pela Escola expressa também este duplo movimento: resume legados e antecipa possibilidades (Bruner, 2001). Em determinados momentos históricos, as mudanças que os homens estabelecem com a natureza e os objetos são de tal ordem que à escola é praticamente impossível antecipar possibilidades. Isto porque, o sistema educativo e, nele, a escola não acompanham as mudanças no ritmo em que ocorrem.

## **1.3. PERSPECTIVAS FUTURAS**

Agora, escrevo em primeira pessoa.

Iniciei o curso de Licenciatura em Letras – Educação à Distância no ano de 2010, devido a comodidade e ao meu tempo ser reduzido e não poder estar em uma graduação presencial. As primeiras experiências com o Ambiente Virtual – AVA, foram frustrantes, pois eu não tinha conhecimento do funcionamento do mesmo e não conseguia enviar as atividades. Com o tempo e a ajuda de minha Amiga e companheira de curso Sandra Borges, fui descobrindo como utilizar o ambiente e como tudo se tornou fácil e acessível.

A modalidade à distância vem crescendo em todo o mundo, embora haja uma certa resistência e discriminação com este tipo de educação. Novas ferramentas vem surgindo para o desenvolvimento e crescimento do ensino à distância, pesquisas revelam que 7 milhões de brasileiros estudam via internet. A rotina diária do cidadão brasileiro tem feito com que o interesse por este tipo de ensino cresça cada vez mais, juntando o conhecimento com a tecnologia. Agregam-

se diversos fatores positivos a este tipo de ensino, como o acesso da região onde reside, realização das atividades em horário de sua escolha.

Com este desafio pude notar que o ensino a distancia veio para ficar, há muita coisa a ser mudada e melhorada, mas é uma tendência ao gosto dos cidadãos que sonham com um futuro com mais chance de crescimento no mercado profissional.

Enfrentei um problema sério de saúde na família no 2º e 3º períodos, que acabou com o falecimento de meu pai devido a uma doença rara chamada ELA (Esclerose Lateral Amiotrófica), que me impossibilitou de cursar o 2º e 3º períodos. Mas como Deus está no comando de nossas vidas, um sonho de meu falecido pai era graduar todos os filhos e eu, para realizar um sonho mútuo fui correr atrás do tempo perdido e concretizar mais um projeto de vida.

Retornei no 4º período com muita dificuldade, e sem a presença de uma pessoa muito amada por mim e meu maior e mais fiel incentivador. Mas graças a ajuda de muitos de vocês como Professor Alcione tão solícito e comprometido com a aprendizagem e que muito apoio nos deu, Professora Elza, Lizemanuelle, Sandra Borges, minha amiga e outras pessoas que sempre nos atenderam tão bem, estamos agora prestes a concluir a nossa tão sonhada graduação em Licenciatura em Letras.

Falarei um pouco dos Estágios Supervisionados, que para mim foi difícil no início, por não estar acostumada a lecionar para adolescentes e adultos, Os Estágios I e III foram bastante tranquilos, pois foram estágios de observação. Nos estágios II e IV aconteceram as intervenções onde foram ministradas as aulas. O estágio II foi ministrado no 7º ano do Fundamental II, na escola onde foram realizados todos os estágios, pois é a escola que aceita este tipo de intervenção e disponibiliza o ensino fundamental e médio, acolhendo a todos com boa vontade. O professor regente das turmas de Língua Portuguesa, é o professor Alcione, sempre disposto, responsável e pronto a ajudar no que for necessário.

O Estágio Supervisionado VI foi de muita aprendizagem, pois conseguimos alcançar os objetivos propostos no projeto de docência tanto para nós estagiários como para os alunos. Desenvolver nos alunos o gosto pela leitura e a importância do Romantismo no Brasil e seus representantes, instigando o gosto pela leitura de textos literários e não-literários e promovemos a compreensão de variados gêneros



textuais, como produções de linguagem que possuem completude e organização suficiente para se constituir em unidades de sentido.

Ensinar é uma satisfação. Minha experiência no estágio de docência confirmou isso. Tenho definido que quero ser e serei professor, mas ainda não defini se será na educação básica. Há também a possibilidade de atuação no magistério superior, onde a remuneração é mais valorizada, as condições de trabalho são melhores, há mais hora-atividade para se prepararem as aulas e, principalmente, há a possibilidade de se trabalhar com pesquisa. Durante o curso de letras, percebi que, além de ser devoto pela docência, também tenho vocação para a pesquisa e, por isso, desejo trabalhar em ambas as carreiras, docente e pesquisador. A carreira de magistério na educação básica não compreende a pesquisa, somente a docência, por isso ainda não a vejo como a carreira que quero seguir por toda a vida. Após finalizar mais essa etapa de estudos e preparação, talvez fiquem mais definidos os rumos profissionais que seguirei futuramente.

## CAPÍTULO II

---

**“Não somos culpados pelo mundo que encontramos ao nascer. Mas precisamos, na medida de nossas possibilidades, fazer alguma coisa pelo mundo que está sendo construído (ou destruído). E que será herdado aos que não de vir”.**

(Gilberto Cotrim)

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. ENSINO, AULA E MÉTODO.**

O projeto de docência desenvolvido tratou do tema Romantismo no Brasil e o gênero textual poesia, o qual foi pensado a partir do Plano de Aula do Professor regente Alcione, seguindo o livro do 2º ano do Ensino Médio Protagonista 2, conforme o projeto de docência da Escola.

A aula é um evento que se constrói por uma metodologia. O significado de uma aula, aquilo que o professor leva consigo para a vida, advém do método que define o evento, não somente em sua ordenação, mas principalmente enquanto realização para o conhecer. Os métodos não são únicos e parte do professor tentar definir o método que guiará sua aula.

Constatamos neste trabalho que o ensino de Língua Portuguesa deve ser realizado em três frentes: a da prática de leitura, o desenvolvimento da produção textual e o ensino de gramática.

### **2.2. A PRÁTICA DE LEITURA**

A leitura é produção de sentidos e não simples reconhecimento deles. Um texto nunca está pronto, pois, a cada leitor e a cada nova leitura, um texto é interpretado de diferentes modos. Um bom texto é aquele que está sempre levando o leitor a incorporar novos sentidos à sua leitura:

Todo texto vivo, importante (ele importa para o leitor), tem a capacidade de invocar outros textos, de estimular conflitos produtivos no leitor. O bom texto, aquele que força o pensamento, que responde a uma necessidade de conhecimento do leitor, que desenha problemas, possui, sobretudo, o mérito essencial de também indagar o leitor, de levá-lo a buscar, no tecido textual do qual é constituído, uma articulação possível.  
(GARCIA, 2012 [1990], p. 117)

Nesse entendimento, o texto deve ser lido para ajudar o leitor a elaborar raciocínios e fazer inferências naquilo que está implícito, levando-o a criar estratégias que os façam perceber fatores que o tornem eficientes diante dos aspectos envolvidos no ato de ler.

Dessa forma faz-se necessário repensar o ensino da Literatura no âmbito escolar, uma vez que a leitura deve estar fundamentada na realidade do aluno, cabendo à escola criar condições necessárias para a realização de um ensino proficiente e interativo.

Souza (2012) aponta quem de a leitura, em ambiente escolar, não vem sendo realizada como meio de aprendizagem, pois não é assumida por ela mesma, mas para a realização de atividades escolares mascaradas, nas quais a leitura como produção de sentido e meio de aprendizagem fica à margem do processo dessas atividades. Para a autora é importante que a leitura seja trabalhada por ela mesma em sala de aula, como meio de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo e, também entretenimento (leitura – fruição, voltada ao lazer a ao encantamento).

### **2.3. A PRODUÇÃO TEXTUAL**

Geraldi (1991), em seu livro *Portos de Passagem*, estabelece uma distinção entre produção textual e redação. Para isso, ele aponta cinco itens elementares para a produção textual em qualquer modalidade e descreve como devem ser trabalhados em sala de aula.

Primeiramente, para que se realize uma produção textual, é preciso que se tenha o que dizer. A escrita consiste sempre em partir de uma referência se, seguindo-se de tal, o aluno deve enumerar a sequência de afirmações que ele articula a partir de sua visão e conhecimento de mundo. Em sala de aula, a escrita deve ser vista como um comunicativo.

Em segundo lugar, faz-se necessário ter uma razão para dizer o que se tem a dizer. As motivações que regem a escrita sempre se expressam em dois âmbitos, num “com consequências para o aluno; noutro, [...] com consequência para o sujeito do texto” (GERALDI, 1991, p.143). Com o tempo, o aluno passa a refletir sobre o que o difere enquanto sujeito físico e sujeito do texto: as razões para se dizer partem do sujeito físico, mas se manifestam ao interlocutor por meio do sujeito do texto, o autor.

O terceiro ponto trata de que se tenha para quem dizer. Na sala de aula, “o grande problema é que o leitor de redações é sempre a função-professor e não o sujeito-professor” (p.143) e, desse modo, o aluno fica restrito a alguém que o está constantemente avaliando, não conseguindo perceber um interlocutor real como aqueles com quem convive cotidianamente.

O quarto item apontado por Geraldini diz respeito a que o aluno se constitua como locutor que se compromete com o que diz. Escrever textos faz com que o aluno desenvolva a capacidade de autoria e, desse modo, ele se torna protagonista de sua própria história.

Por fim, destaca-se a importância da escolha das estratégias para se agenciar a produção textual. O que importa no agenciamento das estratégias é conseguir escrever de modo eficaz, coerente e conciso para se expressar um ponto de vista.

## **2.4. O ENSINO DA GRAMÁTICA**

Antunes (2010) o ensino de gramática na escola em duas categorias: a das que são regras da gramática e a das que não são regras da gramática. A primeira corresponde às regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que estruturam a língua; à segunda corresponde ao ensino da metalinguagem. Sobre as diferentes visões sobre o ensino da gramática na escola, cabe ressaltar que algumas dão importância apenas a primeira frente mencionada por Antunes, enquanto há outras que consideram importantes as duas frentes.

Qualquer que seja a visão adotada para o ensino da gramática, cabe ao professor pensar a dimensão ética da importância do que será ensinado enquanto ferramenta para a formação humana e profissional do aluno.

## CAPÍTULO III

---

**“Bom mesmo é ir a luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia... Pois o triunfo pertence a quem se atreve”.**

**(Charles Chaplin)**



### **3. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA ESCOLA**

O presente estágio de docência no Ensino Fundamental II em Língua Portuguesa – Letras, tem como objetivo, observar como se desenvolve o trabalho, de que maneira a professora conduz a aprendizagem, como se processa a apreensão do conhecimento do aluno e enfim como ser mediadora no processo de ensino e aprendizagem . Objetiva ainda analisar como é a interação dos alunos entre si e com o ambiente no cotidiano escolar.

O referido estágio é de suma importância para instrumentalizar o estudante de Letras e futuro profissional da educação, para que o mesmo se familiarize com a prática da sala de aula, conviva com os alunos e professores e habitue-se ao ambiente escolar com seus problemas, desafios, dificuldades, mas também repleto de projetos realizados e jovens transbordantes de vida e vontade de aprender.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Ministro José Américo de Almeida”, segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP), é uma escola identificada com o processo de construção de uma sociedade comprometida em formar cidadãos conscientes de seus direitos e deveres em busca da construção de seres atuantes onde a prática pedagógica é entendida como uma prática de vida, de todos e com todos. Uma Escola democrática, competente e comprometida com a aprendizagem significativa do aluno, buscando transformar informações em saberes necessários à vida dos alunos.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ministro José Américo de Almeida está localizada na Praça Ministro José Américo de Almeida, nº 321, bairro Centro, telefone (083)3362-2266, e está sob a gestão da Professora Raquel Elk , formada em Pedagogia e especialista em educação infantil.

É uma instituição mantida pelo governo do Estado da Paraíba e funciona nos turnos Matutino, Vespertino e Noturno.

Conta com uma boa estrutura, dispõe de 10 salas de aula bem iluminadas, cada sala com capacidade de acolher 40 alunos, dispõe de auditório onde os alunos ensaiam as peças teatrais realizadas na Escola como também recebem a exibição de peças teatrais realizadas por outras instituições. Possui uma quadra de esportes

bem conservada, que serve de espaço para toda a comunidade. Uma cantina onde é servida a merenda dos alunos, uma sala da direção, sala de professores ampla e arejada, além de um espaço coberto para o recreio dos alunos. A Escola não possui acesso para as pessoas com necessidades especiais. Tem 12 banheiros que estão bem conservados.

A biblioteca que é bastante frequentada pelos alunos, atende as necessidades de pesquisa dos alunos, pois possui um laboratório de informática, com 13 computadores, todos ligados a internet, servindo aos alunos, professores e ao público em geral.

Possui um quadro com 36 docentes, que são graduados nos seus respectivos campos de atuação. Conta com 23 pessoas funcionários que são assim distribuídos: 7 pessoas na área administrativa, 8 auxiliares de serviços gerais, 3 vigias que trabalham em turnos diferenciados, 3 merendeiras e 3 secretárias.

A Escola funciona nos três turnos (manhã, tarde e noite). Pela manhã funcionam 10 salas de fundamental II, de 6º ao 9º ano. À tarde o público atendido é do Ensino Médio de 1º ao 3º ano. À noite a Escola atende ao fundamental II e Ensino Médio para os alunos que não tem condições de estudar durante o dia.

### **3.1. EXECUÇÃO DAS AULAS**

As aulas ministradas ocorreram entre os dias 10 de março a 09 de maio do ano de 2014 e foram observadas pelo professor regente Alcione dos Santos Silva.

Aulas dos dias 12 e 13 /03

Foi o primeiro dia de aula com a turma. O tempo de aula foi de 1 hora/aula. O objetivo da aula é apresentar, por meio da leitura de textos diversos, os conceitos de Romantismo, como surgiu o gênero e quais os principais representantes desta Escola Literária. A aula teve início com a entrega a cada um dos alunos o material referente ao Plano de Aula I. Solicitei a voluntários que lessem o material entregue. No começo, os alunos ficaram um pouco resistentes a leitura, mas conforme transcorrido o tempo alguns se mostraram mais descontraídos.

À medida que os textos eram lidos, era feita uma explanação sobre o material. A didática utilizada para a apresentação dos conceitos partia da interpretação dos textos.

Ao final da atividade referente ao plano de aula, solicitei aos alunos que trouxessem poemas, letras de músicas e outros textos de seus gostos para serem trabalhados em sala de aula.

Aulas dos dias 19 e 20/03

Como previsto no cronograma inicial hoje serão ministradas 2 horas/aula. Iniciei a aula lembrando o assunto da aula anterior, perguntei se alguém tinha trazido o material solicitado para ser trabalhado em sala, como ninguém trouxe o referido material, pedi que abrissem o livro Ser Protagonista 2, na página 38 (José de Alencar: expressão da cultura brasileira). O livro retrata as várias faces do poeta José de Alencar: Alencar indianista – os fundadores da nação; Alencar histórico – recriação do passado; Alencar regional – recortes do Brasil; Alencar urbano – análise de costumes; Em seguida fizemos a leitura de um fragmento de O Guarani, introduzindo os pronomes possessivos e fizemos o estudo sobre o texto da página 41. Depois conceituamos pronomes (livro texto pág. 234, 235).

Aula do dia 27/03

A aula começa na sala de vídeo onde assistimos ao filme Se eu fosse Você (2006). Onde exploramos os pronomes fizemos uma releitura do título do filme e continuamos com o livro texto (pág. 236, 237 e 238). Na prática de linguagem da página 237 sobre o trecho da leitura “Sobre petecas caindo. Pegue a sua e volte para o jogo.” Introduzi figuras de linguagem explorando o sentido metafórico do texto. Pedi que os alunos respondessem ao exercício da página 237 (questões 2 e 3) em casa para correção posterior.

Aula do dia 03/04

Depois da revisão da aula anterior e a correção dos exercícios que foram feitos por apenas 4 alunos, retornei ao assunto de Literatura sobre José de Alencar ,

onde distribuí uma folha xerocada (ANEXOS), sobre o autor e sua obra. Foi aberta uma discussão sobre os livros paradidáticos que os alunos são obrigados a ler para as questões do vestibular. A maioria se mostrou bastante insatisfeitos, pois não é comum o hábito da leitura nesta turma. Aproveitando o momento, introduzi o fragmento da obra *Lucíola* de José de Alencar. Depois de feitas as leituras silenciosas e com a participação da turma fizemos o estudo do texto. Os alunos se mostraram interessados, pois o trecho explora a vida das cortesãs da época, tema bastante polêmico devido ao preconceito sofrido por elas na sociedade carioca. A atividade que pedi para fazerem foi uma produção textual comparando a visão da sociedade da época com a dos dias atuais.

#### Aulas dos dias 9 e 10/04

Neste dia, a proposta era fazer uma roda de discussão com as produções textuais que solicitei que fossem feitas no dia anterior. Mas, apenas duas alunas fizeram a atividade, e tivemos que fazer a atividade em sala de aula, o que demandou muito tempo, os alunos não gostam deste tipo de atividade, por isto solicitei que fosse um trabalho em dupla, o que animou um pouco a turma. A discussão girou em torno da prostituição, pouca valorização da mulher, exploração sexual infantil, pedofilia. Mesmo saindo um pouco do cronograma das atividades, o resultado foi satisfatório e a mensagem e o fragmento do texto extraído do livro *Lucíola* despertou o interesse de alguns alunos para a leitura do romance.

#### Aula do dia 17/04

Para explorar o interesse dos alunos pela poesia, fiz uma sondagem para descobrir os temas de maior interesse por parte deles e fui anotando em um pedaço de cartolina com lápis hidrocor. Surgiram palavras como: AMOR, SEXO, FUTEBOL, MORTE, ALEGRIA, etc. Em seguida recitei o poema “Se eu morresse amanhã” de Álvares de Azevedo. Em seguida entreguei uma cópia aos alunos e discutimos sobre texto literário, se o texto é um poema, qual o tema central, qual linguagem predomina neste texto a conotativa ou denotativa?

#### Aula do dia 24/04

Solicitei a direção da escola o laboratório de informática para que os alunos em dupla buscassem outros textos de Álvares de Azevêdo e outros autores românticos. Depois de impressos os textos foram lidos em voz alta pelos alunos para que os colegas tomassem conhecimento das poesias escolhidas.

Depois apresentei aos alunos uma galeria com fotos dos autores do Romantismo com um pouco da biografia de cada um.

Aulas dos dias 07 e 08/05

Depois da discussão das atividades do dia anterior, entreguei aos alunos cópias de textos diversos para que eles analisassem e indicassem as características presentes em cada um permitindo classifica-los como românticos e não românticos. A atividade proposta para este dia foi outra produção textual. Levei para a sala de aula um saco plástico com recortes de revista de palavras e propus que em dupla eles retirassem do saco 5 palavras para montarem um poema com características do Romantismo. Depois de feitos algumas correções e releituras os poemas foram declamados em sala de aula.

Aula do dia 09/05

Fizemos um grande círculo para fazer uma avaliação de todos os assuntos abordados durante todos os dias em passei com a turma. Pontos positivos, negativos o que eles mais gostaram e o que menos agradou. No final foram apontados mais pontos positivos que negativos, o que me deixou com a sensação de dever cumprido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência adquirida com a prática do Estágio Supervisionado IV me proporcionou uma reflexão sobre como é a realidade docente em sala de aula, de onde foram tiradas lições que irão servir de base para a melhoria da metodologia adotada. Através das aulas ministradas, conseguimos oferecer ferramentas para formar leitores proficientes, críticos e cidadãos capazes de dominar a língua oral e escrita.

O bom profissional não pode ficar estagnado no tempo, tem que sempre buscar novas maneiras de se aperfeiçoar de forma contínua, e ser consciente de que ele é um agente transformador e que não pode estar à frente na formação de alguém se não levar a sério a sua própria formação.

Devemos ser verdadeiros com nossos alunos e acima de tudo com nós mesmos, pois lecionar é uma lição que temos a cada dia, e nosso trabalho depende da ação, pois aprendemos e crescemos com nossos alunos e, estes por vezes, nos tem como espelho para a vida futura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio):** Parte II – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretária de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BARTHES, R. **Reflexões a respeito de um manual.** In: BARTHES, R. **O Rumor da Língua.** São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 53-59.

BRASIL. MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio.** Volume 1 – Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, Secretária da Educação Básica, 2006.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais:** língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1997.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. Português linguagens – literatura-produção de texto-gramática. 5ª ed. São Paulo: Atual, 2005. Volume 2 – Ensino médio.

E.E.B. ADERBAL RAMOS DA SILVA. **Projeto Político Pedagógico.** Florianópolis, 2013.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Ed. Cortez, 47ª edição, São Paulo, SP, 2006.

GONÇALVES BARRETO, Ricardo. Português Ser I Protagonista. 2º ano. São Paulo: Edições SM, 2010.

PELLEGRINI, Tânia; FERREIRA, Marina. Português – palavra e arte – São Paulo: Atual, 1996. Volume 2- Ensino Médio

Site de pesquisa: [educere.bruc.com.br/CD2011](http://educere.bruc.com.br/CD2011)

# **ANEXOS**



**ANEXO 1**  
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO GERAL DE ESTÁGIOS**

**PLANO DE AULA 1**

**DISCIPLINA:** Língua Portuguesa e Literatura

**ESTAGIÁRIO:** Rossana Flávia Cunha Henriques Baracho

**SÉRIE:** 2º Ano “A” – Ensino Médio

**TURNO:** Noite

**PROFESSOR REGENTE:** Alcione da Silva Santos

**DURAÇÃO:** 4 horas/aulas

**1. Conteúdo:**

- Romantismo no Brasil;
- Principais representantes do Romantismo do Brasil;
- Pronomes.

**2. Objetivo Geral:**

- Fazer com que os alunos reconheçam um poema romântico presentes na literatura brasileira.

**3. Objetivos Específicos:**

- Identificar o Romantismo como período literário;
- Relacionar José Martiniano de Alencar ao estilo romântico.

- **Conceituar pronomes.**
- **Classificar os pronomes.**

#### **4. Metodologia / Procedimentos:**

- **Exposição do conteúdo e definição geral.**
- **Apresentação formal do estagiário a turma. Anotação no quadro do conteúdo e cronograma da aula.**
- **Introdução de Tema Romantismo no Brasil, informando a história na formação da cultura literária.**
- **Entregar material impresso com a matéria, fragmentos de textos de vários escritores do período romântico, a serem trabalhados.**
- **Fazer a leitura oral da matéria, explicando os acontecimentos em sua ordem.**
- **Leitura coletiva dos textos elencados para o tópico. Instigar os alunos a manifestarem suas opiniões a respeito dos textos. O que cada texto remete, quais os temas mais trabalhados no gênero romântico.**
- **Considerações finais e chamada.**
- **Como balanço da aula, o professor solicitará que os alunos escrevam em um parágrafo curto o que eles entenderam do material exposto até o presente momento.**

#### **5. Recursos:**

- **Quadro, giz e fotocópias.**

#### **6. Avaliação:**

- **Os alunos serão avaliados de acordo com o envolvimento nas atividades propostas.**

#### **7. Referências:**

**BARRETO, R. G. Português: ensino médio, 2º ano. São Paulo: Edições SM, 2010.**

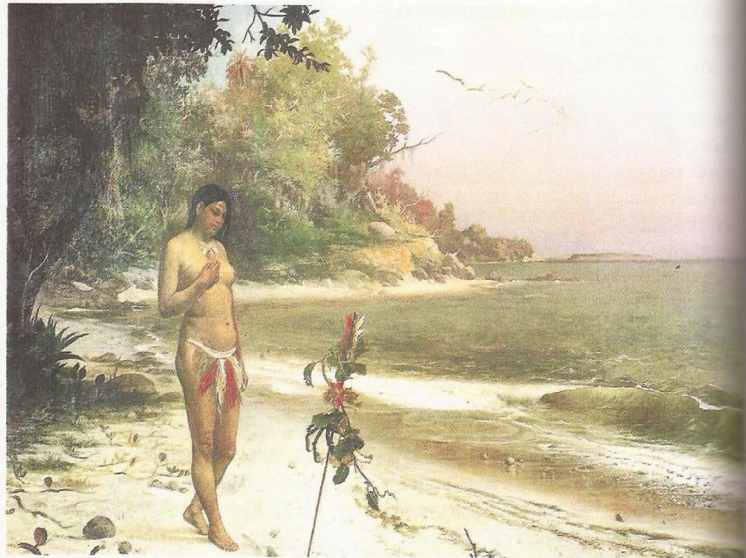
**CEREJA, W. R. Português: linguagens. Volume 2: ensino médio, 5ª e.d., São Paulo: Atual, 2005.**

## 4

## Neste capítulo

- A criação de heróis indígenas.
- O painel do Brasil pelo regionalismo.
- A crítica social no romance urbano.

## José de Alencar: expressão da cultura brasileira



Medeiros, José Maria de. *Iracema*, 1881. Óleo sobre tela, 168,3 cm × 255 cm. Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.

▲ José Maria de Medeiros baseou-se no romance *Iracema*, de José de Alencar, para pintar esse quadro, um dos mais importantes do Romantismo brasileiro. Na tela, a flecha para onde a jovem dirige o olhar está enfeitada com flores de maracujá, símbolo do amor que ela sentira por Martim. A paisagem exuberante foi retratada em detalhes.

### Alencar indianista: os fundadores da nação

Após a independência política, o Romantismo buscou a figura do indígena como forma de distinguir o Brasil de Portugal e mostrar as potencialidades da nova nação. Como resultado desse primeiro momento, o indianismo invadiu a cultura do século XIX e teve em José de Alencar (1829-1877) seu mais bem-sucedido realizador de romances.

Peri, a primeira personagem indígena do autor a conquistar o interesse do público, protagoniza o romance *O guarani* (1857). A narrativa gira em torno do envolvimento desse índio goitacá em uma luta entre indígenas e brancos, após a morte acidental de uma jovem aimoré, causada por um jovem português. O indígena luta para defender da vingança dos aimorés a família recém-estabelecida na terra. Totalmente devotado a Cecília (Ceci), filha do fidalgo dom Antônio de Mariz, Peri recebe deste a incumbência de cuidar da moça para que ela sobreviva.

*Iracema* (1865), segundo romance de Alencar, conta a história da jovem tabajara que deveria permanecer virgem a fim de cumprir seu papel de sacerdotisa. Ao se apaixonar pelo colonizador português Martim, entrega-se a ele, e por isso passa a ser considerada traidora da tribo. Sua breve vida será marcada pela tristeza, e o nascimento de seu filho, Moacir, determinará sua morte. Na tela de José Maria de Medeiros, a solidão e a melancolia de Iracema sugere seu sacrifício para tornar possível o nascimento do povo mestiço do Brasil.

Por fim, *Ubirajara* (1874) narra as provas vividas pelo herói indígena, que dá nome ao romance, para liderar a união de povos inimigos em uma única nação fortalecida.

A trilogia indianista de José de Alencar mostra, portanto, em ordem invertida, as três etapas da relação do indígena com o colonizador: *O guarani* trata do processo de povoamento português; *Iracema*, da chegada dos primeiros brancos e da miscigenação; *Ubirajara*, da convivência entre as nações indígenas quando os brancos ainda eram um navio distante no horizonte.



## Heróis brasileiros

José de Alencar tratou a cultura indígena como marca específica da nacionalidade e, por isso, seus representantes são típicos heróis. Em nenhum momento, porém, superam o branco colonizador. Ambos se equivalem em honra e coragem para que seus descendentes, frutos da miscigenação, possam justificar o orgulho patriótico.

O perfil idealizado das personagens indígenas incorpora, de um lado, os traços positivos dos europeus e, de outro, a grandiosa natureza local com a qual seu aspecto físico é comparado.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004. p. 19.

### Margens do texto

Que figura de linguagem predomina nesse trecho? Que efeito o narrador obtém ao utilizá-la?

Ao destacar a beleza delicada da personagem, o autor promove uma idealização que cumpre duas funções: colocar o indianismo no rumo geral do Romantismo e minimizar a crença, vinda desde o início da colonização, segundo a qual os indígenas constituíam uma etnia inferior e mística. Trata-se, é evidente, de uma abordagem etnocêntrica, já que a valorização do povo nativo não ocorreu por suas qualidades próprias, mas sim por aquilo que os fazia parecidos com o que o europeu considerava bom e belo.

Alencar talvez não tenha percebido isso em seu projeto indianista, mas procurou modificar o preconceito do colonizador quanto à cultura nativa. Para isso, efetuou estudos sobre os diversos povos indígenas e incluiu, na introdução dos romances e em inúmeras notas de rodapé, informações históricas e vocabulário tupi-guarani. Aliás, a incorporação de palavras indígenas e o trabalho com a linguagem em geral foram elementos fundamentais na elaboração de seus romances.

— Jurandir é moço; ainda conta os anos pelos dedos e não viveu bastante para saber o que os anciões da grande nação tocantim aprenderam nas guerras e nas florestas.

O moço é o tapir que rompe a mata, e voa como a seta. O velho é o jabuti prudente que não se apressa.

O tapir erra o caminho e não vê por onde passa. O jabuti observa tudo, e sempre chega primeiro. [...]

ALENCAR, José de. *Ubirajara*. São Paulo: FTD, 1994. p. 62.

Tanto na descrição e na construção de suas personagens quanto na maneira de narrar os fatos, Alencar procura garantir maior credibilidade à imagem favorável que está sendo construída. Tal estratégia favorece a concretização do projeto do autor: criar heróis capazes de ser assimilados pelos brasileiros.

## Alencar histórico: a recriação do passado

Várias personagens dos romances indianistas realmente fizeram parte da história do Brasil e, por isso, tais obras do autor são também consideradas históricas. Essa classificação, porém, cabe melhor ao conjunto de narrativas que tratam das riquezas da terra brasileira, de sua posse definitiva e do alargamento de suas fronteiras. São romances que relatam episódios históricos desde o início da conquista do país. Entrelaçam-se, neles, enredos imaginativos e o registro de fatos, datas e locais, com o objetivo de mostrar a origem do povo brasileiro.

*As minas de prata* (1862) é um exemplo do gênero, que, a propósito, não alcançou grande popularidade. Em meio a duelos, conspirações, perseguições e outras peripécias, o romance retrata a saga dos desbravadores do sertão brasileiro na busca por metais preciosos. Toda essa inventividade sugere também uma crítica à ambição dos bandeirantes e aos atos dos religiosos da Companhia de Jesus.

### Sétima arte

#### Avatar

(EUA, 2009)

#### Direção de James Cameron

Colonizadores originários da Terra misturam-se ao povo que habita outro planeta, no qual há reservas de um minério valiosíssimo. Um dos colonizadores, o protagonista, estabelece uma ligação afetiva com esse povo e, mais especificamente, com uma habitante do gênero feminino. Maior bilheteria da história do cinema, *Avatar* esbanja tecnologia e efeitos especiais, mas seu enredo tem afinidades com o de algumas obras do indianismo literário do século XIX, particularmente com *Iracema*, de José de Alencar. Leia o livro, veja o filme e confira.



Cena do filme *Avatar*.



## 26

## Neste capítulo

- Pronomes: aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos.
- Tipos de pronome.
- O papel do pronome na produção de sentidos no discurso.

## Pronomes

Neste capítulo, você investigará os **pronomes**, uma classe de palavras que desempenha funções bastante variadas no interior do discurso, apresentando a particularidade de fazer referência direta aos sujeitos da enunciação ou tematizados por ela.

### O conceito de pronome

Leia um trecho do roteiro original do filme *Se eu fosse você*. Cláudio e Helena trocam de corpo após desejar que o outro experimentasse “estar na sua pele”. Este diálogo ocorre um pouco antes da troca.

Cláudio – Já te ocorreu que se eu trabalho o dia inteiro é justamente para conseguir uma série de coisas para a minha família?

Helena – Mas então é melhor você trabalhar menos, porque não é de uma série de coisas que sua família precisa. Sua família precisa de você. E eu também não me casei para ter uma coisa. Eu me casei para ter um marido.

Cláudio – Helena, o meu trabalho não é fácil. Queria que você passasse um dia, um dia que fosse no meu lugar. Você ia ver por que que eu, às vezes, tenho que ficar um pouco ausente.

Helena – E eu queria que você passasse um dia que fosse no meu lugar. Você ia ver por que é que eu tenho que estar sempre presente.

FALCÃO, Adriana; GREGÓRIO, Carlos; FILHO, Daniel; BRITZ, Iafá; BELMONTE, Rene. *Se eu fosse você*. Disponível em: <[http://www.autoresdecinema.com.br/arquivos/se\\_eu\\_fosse\\_voce.doc](http://www.autoresdecinema.com.br/arquivos/se_eu_fosse_voce.doc)>. Acesso em: 2 jun. 2009.



Cartaz do filme *Se eu fosse você* (2006).

1. Releia o título do filme. A quem as palavras *eu* e *você* se referem nesse contexto?
2. No filme, após essa discussão, Helena e Cláudio têm seus corpos trocados. Que propriedade das palavras *eu* e *você* reforça a ideia de troca? Explique.
3. O enredo do filme se baseia em generalizações sobre os comportamentos feminino e masculino. Nesse trecho, que generalizações são apresentadas?

Algumas palavras identificam os papéis das personagens nessa interação. Na frase “Eu queria que você passasse um dia que fosse no meu lugar”, *eu* indica **quem fala**, Helena, e *você* refere-se a **com quem se fala**, Cláudio. Da mesma forma, *meu* relaciona a palavra *lugar* a quem fala.

As palavras que substituem ou acompanham os substantivos, indicando sua posição no discurso, são denominadas **pronomes**.

### O pronome na perspectiva morfológica

Os pronomes são palavras variáveis, formadas apenas por morfemas gramaticais, que remetem a um conteúdo lexical, seja o conteúdo indicado pela situação discursiva ou por outras palavras do contexto. No diálogo acima, por exemplo, é possível identificar quem a palavra *eu* se refere observando o contexto linguístico em que ela é empregada no discurso, *eu* é o pronome que denota, de forma abstrata, a primeira pessoa discursiva.

Quanto à variação, alguns pronomes podem ser flexionados em gênero, número e pessoa.

### O pronome na perspectiva sintática

Os pronomes podem desempenhar, no sintagma nominal, a função de **núcleo**, **determinante** ou **modificador**. Quando ocupam a função de núcleo, assumem o papel dos substantivos; como determinantes, assemelham-se aos artigos; como modificadores, aos adjetivos.

No texto acima, o pronome *eu* substitui os referentes discursivos *Helena* ou *Cláudio*, portanto, é classificado, portanto, como **pronome substantivo**.

Já o pronome *minha* acompanha o substantivo *família*, relacionando-o à primeira pessoa discursiva, Cláudio: é a família de Cláudio. *Minha*, nesse caso, é um **pronome adjetivo**.

Os pronomes adjetivos acompanham os substantivos. Nas variedades urbanas de português, concordam com eles em gênero e número.



## O pronome na perspectiva semântica

Os pronomes são as palavras que identificam as **pessoas do discurso**: quem fala (primeira pessoa), com quem se fala (segunda pessoa) e sobre o que / quem se fala (terceira pessoa).

Eles são classificados conforme as ideias que denotam, subdividindo-se em pronomes pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos. Observe.

|                                |                                                                |                             |
|--------------------------------|----------------------------------------------------------------|-----------------------------|
| <b>Pronomes pessoais</b>       | Designam as pessoas do discurso                                | Eu comprei um carro.        |
| <b>Pronomes possessivos</b>    | Atribuem um substantivo a uma pessoa do discurso               | O meu carro é novo.         |
| <b>Pronomes demonstrativos</b> | Situam um substantivo em relação às pessoas do discurso        | Aquele é o meu carro.       |
| <b>Pronomes indefinidos</b>    | Indeterminam um substantivo                                    | Ninguém viu o carro.        |
| <b>Pronomes interrogativos</b> | Indicam o elemento sobre o qual se deseja obter uma informação | Quem comprou um carro?      |
| <b>Pronomes relativos</b>      | Substituem um elemento que os antecede                         | Este é o carro que comprei. |

## Tipos de pronome (I)

Nesta parte do capítulo, você conhecerá os pronomes **pessoais**, **possessivos** e **demonstrativos**.

### Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais indicam diretamente as três pessoas do discurso. Leia a tira.



Fonte: Jim Garfield. Folha de S.Paulo, 19 ago. 2004.

No primeiro quadrinho, Jon emprega o pronome *eu*, que corresponde à primeira pessoa do discurso, quem fala. Para referir-se ao gato, com quem ele fala, Jon usa a segunda pessoa na forma *te*.

Garfield, por sua vez, emprega o pronome *me* ao falar de si mesmo. Por fim, o gato utiliza a forma pronominal *ele*, apontando para a terceira pessoa discursiva, ou seja, sobre quem se fala. Nesse momento, dirige-se ao leitor.

O quadro a seguir apresenta os pronomes pessoais em sua flexão de número e pessoa. Dependendo da função que desempenham no enunciado, assumem as formas **reta** ou **oblíqua**.

|          |           | Pronomes pessoais retos | Pronomes pessoais oblíquos |                         |
|----------|-----------|-------------------------|----------------------------|-------------------------|
|          |           |                         | Átonos                     | Tônicos                 |
| Singular | 1ª pessoa | eu                      | me                         | mim, comigo             |
|          | 2ª pessoa | tu                      | te                         | ti, contigo             |
|          | 3ª pessoa | ele, ela                | o, a, lhe, se              | ele, ela, si, consigo   |
| Plural   | 1ª pessoa | nós                     | nos                        | nós, conosco            |
|          | 2ª pessoa | vós                     | vos                        | vós, convosco           |
|          | 3ª pessoa | eles, elas              | os, as, lhes, se           | eles, elas, si, consigo |

É muito frequente, nos registros informais do português do Brasil, a primeira pessoa do plural ser designada pela locução *a gente*. Embora denote a primeira pessoa do plural, mantém traços da terceira pessoa do singular.



### ■ Pronomes de tratamento

Algumas palavras e locuções designam pessoa com quem se fala e assumem a mesma função dos pronomes pessoais. São os **pronomes de tratamento**. Observe.

| Tratamento                               | Abreviatura                                   | Usado para                                                                                       |
|------------------------------------------|-----------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Senhor, senhora, senhorita               | sr.; sra.; srta.                              | Pessoas a quem se quer demonstrar respeito e cortesia                                            |
| Vossa Alteza                             | V. A.                                         | Príncipes e duques                                                                               |
| Vossa Eminência                          | V. Em. <sup>a</sup>                           | Cardeais                                                                                         |
| Vossa Excelência                         | V. Ex. <sup>a</sup>                           | Altas autoridades do governo e das forças armadas                                                |
| Vossa Magnificência                      | V. Mag. <sup>a</sup>                          | Reitores de universidades                                                                        |
| Vossa Majestade                          | V. M.                                         | Reis, imperadores                                                                                |
| Vossa Reverência ou Vossa Reverendíssima | V. Rev. <sup>a</sup><br>V. Rev. <sup>ma</sup> | Sacerdotes em geral                                                                              |
| Vossa Santidade                          | V. S.                                         | Papa                                                                                             |
| Vossa Senhoria                           | V. S. <sup>a</sup>                            | Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel e pessoas de cerimônia (linguagem escrita) |

Os pronomes de tratamento se referem à segunda pessoa do discurso; no entanto, eles associados se combinam sempre com a terceira pessoa. Ex.: Os senhores já podem entrar.

Grande parte dos falantes do português brasileiro utiliza as formas *você* e *vocês* – de forma arcaica *vossa mercê* – no lugar das formas *tu* e *vós*, como pronomes pessoais.

### ■ Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos relacionam um substantivo a uma pessoa do discurso. O quadro a seguir apresenta a variação de formas dos pronomes possessivos.

|                                  |           | Singular<br>(um objeto) |          | Plural<br>(mais de um objeto) |          |
|----------------------------------|-----------|-------------------------|----------|-------------------------------|----------|
|                                  |           | masculino               | feminino | masculino                     | feminino |
| Singular<br>(um possuidor)       | 1ª pessoa | meu                     | minha    | meus                          | minhas   |
|                                  | 2ª pessoa | teu                     | tua      | teus                          | tuas     |
|                                  | 3ª pessoa | seu                     | sua      | seus                          | suas     |
| Plural<br>(mais de um possuidor) | 1ª pessoa | nosso                   | nossa    | nossos                        | nossas   |
|                                  | 2ª pessoa | vosso                   | vossa    | vossos                        | vossas   |
|                                  | 3ª pessoa | seu                     | sua      | seus                          | suas     |

### ■ Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos indicam a posição de um substantivo em relação a outras palavras discursivas. Podem determinar o núcleo do sintagma nominal ou ocupar o próprio núcleo.

As formas dos pronomes demonstrativos variam conforme a proximidade – no tempo, no espaço ou no enunciado – do referente em relação a quem fala ou a quem se fala. Observe.

|                                                                                 | Variáveis |         |          |         |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------|---------|----------|---------|
|                                                                                 | Masculino |         | Feminino |         |
|                                                                                 | Singular  | Plural  | Singular | Plural  |
| Próximo de quem fala<br>Situação próxima<br>Tempo presente                      | este      | estes   | esta     | estas   |
| Perto de a quem se fala<br>Situação intermediária<br>Passado ou futuro próximos | esse      | esses   | essa     | essas   |
| Afastado dos interlocutores<br>Situação longínqua<br>Passado vago ou remoto     | aquele    | aqueles | aquela   | aquelas |

#### Diversidade

Na fala cotidiana, a tendência é que os falantes usem *esse* e suas variantes (*isso*, *essa*, etc.).



## Gramática de linguagem

**ATENÇÃO:** não escreva no livro.  
Responda a todas as questões  
em seu caderno.

Leia outro trecho do roteiro de *Se eu fosse você*.

Helena – O que é isso?  
 Cláudio – Tô malhando um pouco.  
 Helena – De jeito nenhum. Eu não quero ficar toda embatatada.  
 Cláudio – Mas eu tenho que fazer alguma coisa. Eu já estou me sentindo por baixo com esse corpo...  
 Helena – Por baixo, por quê?  
 Cláudio – Eu quero dizer, sendo mulher...  
 Helena – Qual é o problema de ser mulher?  
 Cláudio – O problema é que eu não estou acostumado. Eu costumava ser homem até uns dias atrás. Agora estou desse jeito... Eu preciso fazer alguma coisa radical pra me sentir mais eu. Malhar um ferro, fazer minha aula de judô...

Fonte: Adriana; GRÉGORIO, Carlos; FILHO, Daniel; BRITZ, Iafá; BELMONTE, Rene. Disponível em: [http://www.autoresdecinema.com.br/arquivos/se\\_eu\\_fosse\\_voce.doc](http://www.autoresdecinema.com.br/arquivos/se_eu_fosse_voce.doc). Acesso em: 2 jun. 2009.

- Por que o fato de Cláudio estar fazendo ginástica incomoda Helena?
- Que processo poderia explicar a formação da palavra *embatatada*? Detalhe-o. Qual o significado dessa palavra na fala de Helena?
- Qual é o referente do pronome em destaque na frase “*Eu não quero ficar toda embatatada*”? De que maneira essa construção destaca o conflito presente na cena?
- Observe o pronome *esse* na frase “*Eu já estou me sentindo por baixo com esse corpo*”. Como explicar o seu uso, considerando o contexto em que aparece?
- Leia o trecho de um artigo de revista dirigida ao público feminino adolescente.

### Sobre petecas caindo. Pegue a sua e volte para o jogo!

Foi por isso que respondi ao meu amigo que ele, no mínimo, não estava sabendo as regras do jogo. Como assim, não pode deixar a peteca cair? Ela cai mesmo. E a gente pega. É adivinha? Cai de novo, pegamos de novo e... enfim. O ponto é: não dá para manter o ritmo o tempo inteiro. Nem na quadra, nem

em lugar nenhum, por mais que a gente se esforce. [...]

Mesmo que esteja dando seu melhor em alguma coisa, saiba que seu melhor inclui momentos não tão bons. [...] vai ser muito mais produtivo e bacana com você mesma aceitar esses períodos e, só então, retomar o fôlego.

PRATA, Liliane. *Capricho*. São Paulo: Abril, 27 abr. 2008. p. 106.



- “Deixar a peteca cair” e “voltar para o jogo” têm no texto sentido metafórico. Explique.
  - A que pessoa discursiva se refere a locução “a gente”, na quarta linha? O que explica o emprego do verbo *pegar* em duas formas distintas, logo na sequência?
  - A expressão “a gente” é muito comum na fala, principalmente em situações informais. Como se explica seu emprego em um texto publicado em uma revista impressa?
  - Que formas pronominais se referem ao leitor do texto? Com que finalidade, provavelmente, a autora as empregou?
2. No uso da língua, pronomes possessivos podem exercer outros tipos de relação além de indicar posse. Aponte, em seu caderno, com base na lista da direita, que tipo de ideia os pronomes destacados nos enunciados da esquerda acrescentam aos substantivos.
- |                                                                                                              |                                              |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| I. “Foi por isso que respondi ao <b>meu</b> amigo que ele, no mínimo, não estava sabendo as regras do jogo.” | A. Lugar em que se nasceu ou em que se mora. |
| II. “[...] fazer <b>minha</b> aula de judô...”                                                               | B. Hábito                                    |
| III. Quando voltei à <b>minha</b> cidade, surpreendi-me com os novos prédios.                                | C. Afinidade                                 |
| IV. <b>Meu</b> ônibus atrasou e cheguei muito tarde ao trabalho.                                             | D. Grupo a que se pertence, compromisso.     |



## Tipos de pronome (II)

A seguir, você conhecerá os pronomes **indefinidos**, **interrogativos** e **relativos**.

### Pronomes indefinidos

- Leia a letra de uma canção.

#### Nada sei (Apneia)

Nada sei dessa vida  
Vivo sem saber  
Nunca soube, nada saberei  
Sigo sem saber  
Que lugar me pertence  
Que eu possa abandonar  
Que lugar me contém  
Que possa me parar

[...]

Nada sei desse mar  
Nado sem saber  
De seus peixes, suas perdas  
De seu não respirar  
Nesse mar,  
os segundos insistem em naufragar  
Esse mar me seduz  
Mas é só pra me afogar [...]

TOLLER, Paula; ISRAEL, George. Intérprete: Kid Abelha. In: *Acústico MTV*. Universal Music, 2002.



#### Vocabulário de apoio

**apneia:**  
suspensão da respiração

- Nessa canção, o eu lírico fala de mar em sentido metafórico. Explique.
- O primeiro verso apresenta uma afirmação, mas o sentido global da frase é negativo. Explique.
- A canção tem dois títulos. Como eles se relacionam?

As palavras que substituem ou determinam os substantivos de forma imprecisa – *qualquer um*, *qual*, *qualquer um*, *seja quem for*, *todo aquele que*, entre outras – são chamadas pronomes indefinidos. Referem-se à terceira pessoa do discurso.

| Formas variáveis   |        |                      | Formas invariáveis |
|--------------------|--------|----------------------|--------------------|
| Em número e gênero |        | Em número            |                    |
| algum              | pouco  | qualquer             | mais               |
| nenhum             | certo  | qual                 | menos              |
| todo               | vário  | diverso              | alguém             |
| outro              | tanto  | //////////////////// | ninguém            |
| muito              | quanto | //////////////////// | tudo               |

#### Diversidade

O valor semântico do pronome relativo *onde* é atribuído pela gramática tradicional exclusivamente a lugares físicos. Da mesma forma, *quem* se refere unicamente a pessoas. No entanto, em diversas variedades linguísticas é comum que *onde* seja usado com o mesmo sentido de *no qual* ou *em que* (ex.: ele se viu em uma situação *onde* não havia saída), assim como *quem* ocupa a função de *que* (ex.: foi a escola *quem* decidiu que seria assim).

Os pronomes indefinidos podem aparecer também na forma de locuções como *qualquer um*, *qual*, *qualquer um*, *seja quem for*, *todo aquele que*, entre outras.

### Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos são utilizados para formular uma pergunta – direta ou indireta – indicando o elemento sobre o qual se deseja obter uma informação. Na frase “Sigo sem saber *que* lugar me pertence”, o pronome em destaque indica que se quer uma informação *sobre* o lugar.

Os pronomes *qual* e *quanto* podem se referir tanto a pessoas quanto a coisas. *No entanto*, *quem* se refere apenas a pessoas e *que*, apenas a objetos. O pronome *quanto* varia em número e gênero.

### Pronomes relativos

Os pronomes relativos substituem um substantivo mencionado anteriormente em uma frase. Na frase “*Que* lugar me pertence *que* eu possa abandonar”, o pronome em destaque substitui o antecedente *lugar*. Os pronomes relativos apresentam formas variáveis e invariáveis.

|                    |        |                                                          |
|--------------------|--------|----------------------------------------------------------|
| Formas variáveis   | cujo   | Encontrei a menina <i>cujos</i> olhos pareciam estrelas. |
|                    | o qual | Recebi um e-mail, <i>o qual</i> li prontamente.          |
|                    | quanto | Tudo <i>quanto</i> nos acontece propicia aprendizado.    |
| Formas invariáveis | que    | Não experimentei o bolo <i>que</i> você fez.             |
|                    | quem   | Fernando Pessoa é o poeta a <i>quem</i> mais admira.     |
|                    | onde   | Nunca mais voltei à cidade <i>onde</i> [em que] nasci.   |



**ATENÇÃO:** não escreva no livro.  
Responda a todas as questões  
em seu caderno.

## Prática de linguagem

Leia a tira de Hagar para responder às questões a seguir.



BROWNIE, Dik. *O melhor de Hagar, o horrível*. Porto Alegre: L&PM, 1997. v.1. p. 42.

- Ao ler o primeiro quadrinho, o leitor constrói um sentido que, no segundo, se altera e provoca o riso. Explique essa afirmação.
  - Que palavras contribuem para que haja duas possibilidades de sentido na fala de Helga? Como esse duplo sentido se constitui?
  - O que favorece a primeira interpretação por parte do leitor?
2. Observe a seguir o trecho de uma notícia.

I. Este foi um ano onde boa parte dos preços agrícolas se comportou como uma verdadeira gangorra.

2008, um ano para ser lembrado. *A tribuna*, Rondonópolis, 23 dez. 2008.

Disponível em: <<http://www.tribunam.com.br/2008/12/2008-um-ano-para-ser-lebrado>>. Acesso em: 5 jun. 2009.

- Por que é possível afirmar que o emprego dos pronomes, nessa construção, não se realiza conforme prescrevem as gramáticas normativas?
- Como a frase poderia ser reescrita para atender a essa prescrição?

## Usina literária

Leia o poema a seguir, escrito por Chacal, poeta do movimento Poesia Marginal.

### Ana C

|                               |                               |
|-------------------------------|-------------------------------|
| gosto muito de olhar um poema | gosto muito de olhar um poema |
| até não mais divisar o que é  | até restar apenas             |
| respiração noite vírgula      | voceu                         |
| eu ou você                    |                               |

CHACAL. In: WEINTRAUB, Fábio (sel. e org.). *Poesia Marginal* (Ilustrações de Guto Lacaz). São Paulo: Ática, 2006. p. 20. (Coleção Para gostar de ler, nº 39)

- Eu* e *você* fazem referência, respectivamente, à primeira e à segunda pessoa do discurso. No contexto do poema, a quem ou a que esses pronomes se referem?
- Como pode ser explicado o neologismo criado pelo eu lírico no último verso do poema?
- Observe agora um trecho de um poema escrito por Ana C.

olho muito tempo o corpo de um poema  
até perder de vista o que não seja corpo  
[...]

ANA C. (Ana Cristina César). "olho muito tempo o corpo de um poema". In: MORICONI, Ítalo (sel. e org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 249.

- É possível estabelecer uma relação de intertextualidade entre esses versos e o poema de Chacal? Justifique sua resposta.
- No segundo verso, a palavra o pode ser classificada como pronome demonstrativo? Explique.



*Yúnia Nelmí dos Santos*

## TEXTO PARA INTERPRETAÇÃO

### – A REGREÇÃO DA REDASSÃO

#### A REGREÇÃO DA REDASSÃO

Semana passada recebi um telefonema de uma senhora que me deixou surpreso. Pedia encarecidamente que ensinasse seu filho a escrever.

- Mas, minha senhora – desculpei-me -, eu não sou professor.
- Eu sei. Por isso mesmo. Os professores não têm conseguido muito.
- A culpa não é deles. A falha é do ensino.
- Pode ser, mas gostaria que o senhor ensinasse o menino. O senhor escreve muito bem.
- Obrigado – agradei -, mas não acredite muito nisso. Não coloco as vírgulas e nunca sei onde botar os acentos. A senhora precisa ver o trabalho que dou ao revisor.
- Não faz mal – insistiu -, o senhor vem e traz um revisor.
- Não dá, minha senhora – tornei a me desculpar -, eu não tenho o menor jeito com crianças.
- E quem falou em crianças? Meu filho tem 17 anos.

Comentei o fato com um professor, meu amigo, que me respondeu: “Você não deve se assustar, o estudante brasileiro não sabe escrever”. No dia seguinte, ouvi de outro educador: “O estudante brasileiro não sabe escrever”. Depois li no jornal as declarações de um diretor da faculdade: “O estudante brasileiro escreve muito mal”. Impressionado, saí a procura de outros educadores. Todos me disseram: acredite, o estudante brasileiro não sabe escrever. Passei a observar e notei que já não se escreve mais como antigamente. Ninguém mais faz diário, ninguém escreve em portas de banheiros, em muros, em paredes.

Não tenho visto nem aquelas inscrições, geralmente acompanhadas de um coração, feitas em casca de árvore. Bem, é verdade que não tenho visto nem árvore.



- Quer dizer – disse a um amigo enquanto íamos pela rua – que o estudante brasileiro não sabe escrever? Isto é ótimo para mim. Pelo menos diminui a concorrência e me garante emprego por mais dez anos.

- Engano seu – disse ele. – A continuar assim, dentro de cinco anos você terá que mudar de profissão.

- Por quê? – espantei-me. – Quanto menos gente sabendo escrever, mais chance eu tenho de sobreviver.

- E você sabe por que essa geração não sabe escrever?

- Sei lá – dei com os ombros -, vai ver que é porque não pega direito no lápis.

- Não senhor. Não sabe escrever porque está perdendo o hábito da leitura. E quando o perder completamente, você vai escrever para quem?

Tai um dado novo que eu não havia considerado. Imediatamente pensei quais as utilidades que teria um jornal no futuro: embrulhar carne? Então vou trabalhar num açougue. Serviria para fazer barquinhos, para fazer fogueira nas arquibancadas do Maracanã, para forrar sapato furado ou para quebrar um galho em banheiro de estrada? Imaginei-me com uns textos na mão, correndo pelas ruas para oferecer às pessoas, assim como quem oferece hoje bilhete de loteria:

- Por favor amigo, leia – disse, puxando um cidadão pelo paletó.

- Não, obrigado. Não estou interessado. Nos últimos cinco anos a única coisa que leio é a bula de remédio.

- E a senhorita não quer ler? – perguntei, acompanhando os passos de uma universitária. – A senhorita vai gostar. É um texto muito curioso.

- O senhor só tem escrito? Então não quero. Por que o senhor não grava o texto? Fica mais fácil ouvi-lo no meu gravador.

- E o senhor, não está interessado nuns textos?

- É sobre o quê? Ensina ~~como ganhar dinheiro?~~

- E o senhor, vai? Leva três e paga um.

- Deixa eu ver o tamanho – pediu ele.

Assustou-se com o tamanho do texto:

- O quê? Tudo isso? O senhor está pensando que sou vagabundo? Que tenho tempo para ler tudo isso? Não dá para resumir tudo em cinco linhas?

( Carlos Eduardo Novaes )

Com base no texto, responda ao que se pede:

1. No diálogo entre a mãe e o autor do texto, percebe-se uma crítica velada a respeito dos professores no Brasil. Identifique a crítica.
2. O texto apresenta a causa porque os estudantes brasileiros não sabem escrever. Qual é?
3. Se os estudantes brasileiros, segundo o autor, não sabem escrever porque não lêem, qual deve ser a estratégia que os professores devem utilizar para reverter essa situação?
4. Que outras causas podem contribuir para que o estudante brasileiro tenha dificuldades para escrever?
5. Por que o autor utilizou a grafia errada nas palavras do título do texto?
6. O autor se valeu dos fonemas e suas representações gráficas, em português, para chamar a atenção do leitor. Algumas palavras, em português, podem ter o seu sentido alterado (ou não) em razão da sua representação gráfica. No caso do título do texto, houve alteração de sentido? Justifique.

Gabarito:

1. Não presume-se como pessoa que não era o professor porque os professores de seu filho não conseguiram ensinar a escrever, o que foi justificado pelo autor que não era culpa deles (dos professores), mas por causa do falho do ensino. Ou seja, o ensino é falho (tem defeitos) e é realizado por professores, então a culpa é daquela que prevence esse falho, isto é, dos professores, o ensino em si é autônomo, mas é o resultado da ação de alguém.
2. Porque não lêem.
3. A culpa não é totalmente do aluno, pois, se ele não sabe escrever é porque não sabe ler.
4. O aluno passa a ter dificuldades de aprendizagem quando passa a não conseguir, ler, escrever, calcular, desempenhar.
5. Porque naturalmente ele quis chamar a atenção do leitor para o assunto de seu texto: a dificuldade dos estudantes brasileiros de escrever em português.
6. Não. Se forem pronunciadas, essas mesmas palavras terão o mesmo som: regressão/regressão - redação/redação



### **O contexto do Romantismo brasileiro**

O Brasil, egresso do puro colonialismo, mantém as colunas do poder agrário: o latifúndio, o escravismo, a economia de exportação. E segue a rota da monarquia conservadora após um breve surto de erupções republicanas, amiudadas durante a Regência.

Os exemplos mais persuasivos vêm dos melhores escritores, o romance colonial de Alencar e a poesia indianista de Gonçalves Dias nascem da aspiração de fundar em um passado mítico a nobreza recente do país.

A implantação e o desenvolvimento do Romantismo brasileiro confundem-se com os fatos políticos do início do século XIX. O mais importante deles é o estabelecimento de D. João VI e da corte portuguesa no Rio de Janeiro, em 1808, o que eleva o Brasil à condição de Reino Unido a Portugal e Algarves.

São muitas consequências desse fato, em todos os planos. Entre elas, o incentivo à agricultura, ao comércio e a indústria; as reformas no ensino, a criação de escolas, bibliotecas e museus; a urbanização da capital; a vinda de missões artísticas e científicas estrangeiras para que aqui trabalhassem e ensinassem; a criação de tipografias, o que possibilitou a comercialização de livros e o surgimento de uma imprensa periódica. Agora, o Brasil não podia continuar miserável que até então lhe fora imposta como colônia.

Aos poucos, numa terra onde quase a totalidade da população era ainda analfabeta, foi-se criando um público leitor e as condições necessárias para que a literatura pudesse frutificar com mais consistência e continuidade.

O Romantismo, além de seu significado primeiro – o de ser uma reação à tradição clássica - assumiu em nossa literatura a conotação de movimento anticolonialista e antilusitano, ou seja, de rejeição à literatura produzida na época colonial, em virtude do apego dessa produção aos modelos culturais portugueses.

Essas rejeições cresceram, sobretudo depois da independência do Brasil em 1822, durante a Regência (1831/1840). Sentia-se a necessidade de criar uma cultura brasileira identificada com as raízes históricas do país, com sua terra, com seu povo, seus usos e costumes, tentando diferenciá-la daquela trazida de Portugal.

Portanto, um dos traços essenciais de nosso Romantismo é o nacionalismo, que, orientando o movimento, lhe abriu um rico leque de possibilidades a serem exploradas, entre elas o indianismo, o regionalismo, a pesquisa histórica, folclórica e linguística, além da crítica aos problemas nacionais – todas posturas comprometidas com o projeto de construção de uma identidade nacional.

O marco inicial do Romantismo no Brasil é a publicação de *Suspiros poéticos e saudade*, de Gonçalves de Magalhães, em 1836.



A partir daí, vai haver uma evolução no movimento, com base na predominância variada dos seus traços mais marcantes, o que permite falar em três gerações românticas, sobretudo com relação à poesia:

- **Primeira:** conhecida como geração *nacionalista* ou *indianista*, pois tomou o índio como representante da nacionalidade brasileira, do passado pré-colonial do país. Vivendo uma fase em que o sentimento nacionalista era muito forte, essa geração também apresenta a exaltação da natureza, o sentimentalismo e a religiosidade como traços principais. Destacam-se os poetas Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias.
- **Segunda:** é a geração ultra-romântica, isto é, aquela que exagera os principais traços românticos, como subjetivismo, a emoção, acrescentando-lhe o gosto pelo lado noturno, pela solidão e morte. Também conhecida como geração do “*mal do século*”, seus principais representantes são: Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, que escreveram principalmente na década de 1840 e 1850.
- **Terceira:** trata-se da geração condoeira (década de 60/70), aquela que coloca a poesia em prol das grandes causas sociais, que acredita que a literatura deve “voar alto” como o condor, ave que habita a cordilheira dos Andes. Seu principal representante é Castro Alves, ao lado de Tobias Barreto e Sousândrade.

O Romantismo brasileiro contou com um grande número de escritores e com uma vasta produção, em diferentes gêneros, que, em resumo, podem ser assim apresentados:

- Na lírica: Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire, Castro Alves e Sousândrade;
- Na épica: Gonçalves Dias e Castro Alves;
- No romance: José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Franklin Távora;
- No conto: Álvares de Azevedo;
- No teatro: Martins Pena, José de Alencar, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo.

Cubas, de Machado de Assis.

### **Gonçalves Dias**

Nasceu em 1823 em Caxias, no Maranhão, e morreu em 1864, em um naufrágio. Foi responsável pela consolidação da literatura romântica no Brasil.

A exaltação da natureza, a volta ao passado histórico e a idealização do índio como representante da nacionalidade brasileira são temas típicos do Romantismo presentes nas obras de Gonçalves Dias.

Assim, sua obra poética pode ser dividida basicamente em lírica (o amor, o sofrimento e a dor do homem romântico – “Se se morre de amor”), medieval (uso do português arcaico – “Sextilhas de Frei Antão”) e nacionalista (exaltação da pátria distante – “Canção do Exílio”).

Porém, o traço mais forte da obra de Gonçalves Dias é o INDIANISMO. Ele é considerado o maior poeta indianista brasileiro e possui em sua obra poemas como: “I-Juca Pirama”, onde a figura do índio é heroica, chegando até a ficar “europeizada”.

Utilizador de alta carga dramática e lírica em suas poesias, com métrica, musicalidade e ritmos perfeitos, Gonçalves Dias se considerava uma “síntese do brasileiro”, por seu filho de pai português e mãe mestiça de índios com negros e talvez, por isso, tenha citado tanto as três raças em sua obra, todas de forma distinta.

Muitos dos poemas indianistas de Gonçalves Dias guardam estrita relação com o gênero épico, uma vez que o poeta, referindo-se a um índio particular, na verdade se refere a todos, nos longos poemas narrativos, cheios de feitos heroicos. Trata-se, pois, da exaltação do coletivo, de maneira simbólica, e não do individual. Caso de Juca Pirama e Os Timbiras.

### **Canção do exílio**

"Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar - sozinho, à noite -  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá."

O texto é estruturado a partir do contraste entre a paisagem européia e a terra natal - jamais nominada, sempre vista com o olhar exagerado de quem está distante e, em sua saudade, exalta os valores que não encontra no local de *exílio*. A construção patética (de *pathos*, comoção) é feita pela repetição das idéias expostas nos versos iniciais e pela súplica dos últimos versos. O poema é marcado por uma contenção formal, uma economia de termos e um cuidado métrico que seria aos poucos abandonado pelos poetas românticos posteriores. Sua forma equilibrada tornou-o material perfeito como texto declamatório. A grande exposição do poema ao longo da história literária brasileira teria, para alguns autores, banalizado a criação ao ponto de extrair do leitor contemporâneo o impacto inicial de seus versos.

Na produção épica de Gonçalves Dias destacam-se dois poemas: “I Juca Pirama” e “Os Timbiras”, este inacabado. “I Juca Pirama” considerado o mais perfeito poema épico –indianista de nossa literatura, narra a história vivida por um índio tupi que cai prisioneiro de uma nação inimiga: os timbiras. O drama do prisioneiro reside nos sentimentos contraditórios provocados por sua prisão: de um lado deseja morrer lutando, como guerreiro corajoso que sempre fora; de outro, deseja viver pra cuidar do pai, doente e cego.

O canto IV de “I-Juca Pirama”. Conforme as tradições indígenas, o prisioneiro é preparado para um cerimonial antropofágico em que serão vingados os mortos timbiras. Ao lhe pedirem, como é próprio do ritual, que cante seus feitos de guerra e que se defenda da morte, o prisioneiro responde aos inimigos:

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Meu canto de morte,<br/>Guerreiros, ouvi:<br/>Sou filho das selvas,<br/>Nas selvas cresci;<br/>Guerreiros, descendo<br/>Da tribo tupi.<br/>Da tribo pujante,<br/>Que agora anda errante<br/>Por fado inconstante,<br/>Guerreiros, nasci:<br/>Sou bravo, sou forte,<br/>Sou filho do Norte;<br/>Meu canto de morte,<br/>Guerreiros, ouvi.<br/>Já vi cruas brigas<br/>De tribos imigas,<br/>E as duras fadigas<br/>Da guerra provei;<br/>Nas ondas mendaces<br/>Senti pelas faces<br/>Os silvos fugaces<br/>Dos ventos que amei.</p> | <p>Andei longes terras,<br/>Lidei cruas guerras,<br/>Vaguei pelas serras<br/>dos vis Aimorés;<br/>Vi lutas de bravos,<br/>Vi fortes — escravost!<br/>De estranhos ignavos<br/>Calcados aos pés.<br/>E os campos talados,<br/>E os arcos quebrados,<br/>E os plagas coitados<br/>Já sem maracás;<br/>E os meigos cantores,<br/>Servindo a senhores,<br/>Que vinham traidores,<br/>Com mostras de paz.<br/>Ao velho coitado<br/>De penas ralado,<br/>Já cego e quebrado,<br/>Que resta? — Morrer.<br/>Enquanto descreve<br/>O giro tão breve<br/>Da vida que teve,<br/>Deixai-me viver!</p> | <p>Aos golpes do imigo<br/>Meu último amigo,<br/>Sem lar, sem abrigo<br/>Caiu junto a mim!<br/>Com plácido rosto,<br/>Seren e composto,<br/>O acerbo desgosto<br/>Cornigo sofri.<br/>Meu pai a meu lado<br/>Já cego e quebrado,<br/>De penas ralado,<br/>Firmava-se em mi:<br/>Nós ambos, mesquinhos,<br/>Por invios caminhos,<br/>Cobertos d'espinhos<br/>Chegamos aqui!<br/>O velho no entanto<br/>Sofrendo já tanto<br/>De fome e quebranto,<br/>Só qu'ria morrer!<br/>Não mais me contenho,<br/>Nas matas me embrenho,<br/>Das frechas que tenho<br/>Me quero valer.</p> | <p>Então, forasteiro,<br/>Cai prisioneiro<br/>De um troço guerreiro<br/>Com que me encontrei:<br/>O cru desossado<br/>Do pai fraco e cego,<br/>Enquanto não chego,<br/>Qual seja, — dize!<br/>Eu era o seu guia<br/>Na noite sombria,<br/>A só alegria<br/>Que Deus lhe deixou:<br/>Em mim se apolava,<br/>Em mim se firmava,<br/>Em mim descansava,<br/>Que filho lhe sou.<br/>Não vil, não ignavo,<br/>Mas forte, mas bravo,<br/>Serei vosso escravo:<br/>Aqui virei ter.<br/>Guerreiro, não coro<br/>Do pranto que choro,<br/>Se a vida deploro,<br/>Também sei morrer.</p> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

(In: Poemas de Gonçalves Dias. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 119-122.)



Em *Dança tapuia*, Albert Eckhout, pintor holandês do século XVII, retrata um ritual antropofágico dos índios da América do Sul.

**acerbo:** doloroso, árduo.  
**deploro:** lamento, choro.  
**frecha:** flecha.  
**fugaces:** que foge veloz.  
**ignavo:** covarde.  
**imiga:** inimiga.  
**invis:** intratável.  
**maracá:** chocalho usado pelos índios em solemnidades guerreiras ou religiosas.  
**mendace:** mentirosa, traçoira.  
**mi:** mim.  
**piagá:** pajé.  
**quebrado:** cansado, frágil.  
**quebrante:** abatimento, fraqueza.  
**silvo:** assobio.  
**talado:** devastado, arrasado.  
**troço:** corpo de tropas.  
**vil:** moralmente baixo, desprezível.

**“Sextilhas de Frei Antão”**

**Gonçalves Dias**

**LOA DA PRINCEZA SANCTA**

Bom tempo foy o d'outr'ora  
 Quando o reyno era christão  
 Quando nas guerras de mouros  
 Era o rey nosso pendão,  
 Quando as donas consumião<sup>[1]</sup>  
 Seos teres<sup>[2]</sup> em devação<sup>[3]</sup>.

Deos lhe acudia do céu;  
 Quantas terras que ganhava,  
 Dava ao Senhor que lhas deo,  
 E só em fazer mosteyros  
 Gastava muito do seo.

Se havia muitos lffantes,  
 Torneyo não se fasia;  
 He esse o estilo de Frandres,  
 Onde anda muita heregia<sup>[4]</sup>.  
 Para os armar cavalleiros  
 A armada se apercebia<sup>[5]</sup>.

**Se se morre de amor**

de Gonçalves Dias

Se se morre de amor! – Não, não se morre,  
 Quando é fascinação que nos surpreende  
 De ruidoso sarau entre os festejos;  
 Quando luzes, calor, orquestra e flores  
 Assomos de prazer nos raiam n'alma,  
 Que embelezada e solta em tal ambiente  
 No que ouve e no que vê prazer alcança!  
 Simpáticas feições, cintura breve,  
 Graciosa postura, porte airoso,  
 Uma fita, uma flor entre os cabelos,  
 Um quê mal definido, acaso podem  
 Num engano d'amor arreventar-nos.

Mas isso amor não é; isso é delírio  
 Devaneio, ilusão, que se esvaece  
 Ao som final da orquestra, ao derradeiro  
 Clarão, que as luzes ao morrer despedem:  
 Se outro nome lhe dão, se amor o chamam,  
 D'amor igual ninguém sucumbe à perda.  
 Amor é vida; é ter constantemente  
 Alma, sentidos, coração – abertos  
 Ao grande, ao belo, é ser capaz d'extremos,  
 D'altas virtudes, té capaz de crimes!  
 Compreender o infinito, a imensidade  
 E a natureza e Deus; gostar dos campos,  
 D'aves, flores, murmúrios solitários;

Buscar tristeza, a soledade, o ermo,  
E ter o coração em riso e festa;  
E à branda festa, ao riso da nossa  
alma  
fontes de pranto intercalar sem  
custo;  
Conhecer o prazer e a desventura  
No mesmo tempo, e ser no mesmo  
ponto  
O ditoso, o misérrimo dos entes;  
Isso é amor, e desse amor se  
morre!  
Amar, é não saber, não ter coragem  
Pra dizer que o amor que em nós  
sentimos;  
Temer qu'olhos profanos nos  
devassem  
O templo onde a melhor porção da  
vida  
Se concentra; onde avaros  
recatamos  
Essa fonte de amor, esses tesouros  
Inesgotáveis d'lusões floridas;  
Sentir, sem que se veja, a quem se  
adora,  
Compreender, sem lhe ouvir, seus  
pensamentos,  
Segui-la, sem poder fitar seus olhos,  
Amá-la, sem ousar dizer que  
amamos,  
E, temendo roçar os seus vestidos,  
Arder por afogá-la em mil abraços:  
Isso é amor, e desse amor se morre

### **Estudo dirigido sobre o “Romantismo”**

1) A partir do estudo do contexto histórico sobre o “Romantismo”, escreva um pequeno parágrafo sobre o momento histórico no qual ele está inserido.

Entre 6 a 8 linhas.

2) Quais são as principais características do período literário estudado. Enumere-as.

3) Para você qual a importância da literatura para a construção de nossa identidade sociocultural?

Se você acha que não há relevância no tema, muito menos nos assuntos tratados pelo poeta, escreva um parágrafo dissertativo defendendo seu ponto de vista.

A resposta deverá ter entre 4 e 8 linhas.

4) Dentre os textos estudados qual ou quais te chamou mais atenção?

Gostaria que você propusesse uma maneira diferente de falar do tema.

Se você fosse falar nos dias de hoje sobre o que o poeta falou em seus textos, como você abordaria o tema?

Escreva um trecho onde possamos perceber este novo estilo, ou, melhor dizendo, uma nova versão para o jeito Gonçalves Dias de escrever.

Boa sorte e tenha um excelente estudo!!!!

## ANEXO 2

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO**  
**COORDENAÇÃO GERAL DE ESTÁGIOS**

### PLANO DE AULA 2

**DISCIPLINA:** Língua Portuguesa e Literatura

**ESTAGIÁRIO:** Rossana Flávia Cunha Henriques Baracho

**SÉRIE:** 2º Ano “A” – Ensino Médio

**TURNO:** Noite

**PROFESSOR REGENTE:** Alcione da Silva Santos

**DURAÇÃO:** 4 horas/aulas

#### 1. Conteúdo:

- Romantismo no Brasil.
- Poesia;
- Os homônimos e a ortografia.

#### 2. Objetivo Geral:

- Fazer com que os alunos reconheçam os elementos que compõem uma poesia e reflitam sobre a forma textual.

#### 3. Objetivos Específicos:

- Formar leitores capazes de compreender o que leem e colocar seu ponto de vista crítico;
- Identificar o Romantismo como período literário, relacionando José de Alencar ao estilo romântico;
- Distinguir as características do Romantismo Brasileiro e seus principais representantes;
- Conceituar homônimos contidos no texto, e saber escrever corretamente, dependendo do contexto.

#### **4. Metodologia / Procedimentos:**

- **Exposição do conteúdo e definição geral.**
  - **Anotação no quadro do conteúdo e cronograma das aulas.**
- **Análise de vários fragmentos de textos de representantes do romantismo no Brasil.**
- **Relacionar os textos do poema de José de Alencar**
  - **Ler os fragmentos de O guarani e de Lucíola de José de Alencar e explorar as várias faces dos poemas de Alencar: indianista, histórico, urbano, regional.**
    - **Durante as leituras, explorar os homônimos.**
    - **Execução das atividades solicitadas no livro texto.**
- **Considerações finais e chamada.**
  - **Solicitar que os alunos tragam, para as próximas aulas, uma poesia, letra de música, poema, que servirão como ponto de partida para a produção escrita da aula do gênero poesia.**

#### **5. Recursos:**

- **Quadro, giz, data show e notebook**

#### **6. Avaliação:**

- **Os alunos serão avaliados de acordo com o envolvimento nas atividades propostas.**

#### **7. Referências:**

**BARRETO, R. G. Português: ensino médio, 2º ano. São Paulo: Edições SM, 2010.**

**CEREJA, W. R. Português: linguagens. Volume 2: ensino médio, 5ª e.d., São Paulo: Atual, 2005.**



## Sua leitura

A seguir, você lerá o trecho de *O guarani* em que Peri explica suas ações para a família de dom Antônio de Mariz.

### Hipertexto

Os pronomes possessivos (meu, teu, seu, entre outros) relacionam um substantivo a uma pessoa do discurso e indicam posse de algum objeto ou atributo. Nesse trecho, a indicação de posse fica em segundo plano, pois os pronomes possessivos são empregados para afirmar a identidade entre as personagens. Os pronomes são estudados na parte de Linguagem, capítulo 26, (p. 234).

### Vocabulário de apoio

**abnegação:** sacrifício voluntário dos próprios desejos  
**conta:** pequena peça, feita de materiais diversos, usada como adorno em colares e pulseiras

“Quando Ararê deitou o seu corpo sobre a terra para não tornar a erguê-lo, chamou Peri e disse: ‘Filho de Ararê, teu pai vai morrer; lembra-te que tua carne é a minha carne; e o teu sangue é o meu sangue. Teu corpo não deve servir ao banquete do inimigo’.

Ararê disse, e tirou suas contas de frutos que deu a seu filho: estavam cheias de veneno; tinham nelas a morte.

Quando Peri fosse prisioneiro, bastava quebrar um fruto, e ria do vencedor que não se animaria a tocar no seu corpo.

Peri viu que a senhora sofria, e olhou as suas contas; teve uma ideia; a herança de Ararê podia salvar a todos.

Se tu deixasses fazer o que queria, quando a noite viesse não acharia um inimigo vivo; os brancos e os índios não te ofenderiam mais.”

Toda a família ouvia esta narração com uma surpresa extraordinária; compreendiam dela que havia em tudo isto uma arma terrível — o veneno; mas não podiam saber os meios de que o índio se servira ou pretendia servir-se para usar desse agente de destruição.

— Acaba! disse D. Antônio; por que modo contavas então destruir o inimigo?

— Peri envenenou a água que os brancos bebem, e o seu corpo, que devia servir ao banquete dos Aimorés!

Um grito de horror acolheu essas palavras ditas pelo índio em um tom simples e natural.

O plano que Peri combinara para salvar seus amigos acabava de revelar-se em toda a sua abnegação sublime e com o cortejo de cenas terríveis e monstruosas que deviam acompanhar a sua realização.

Confiado nesse veneno que os índios conheciam com o nome de curare, e cuja fabricação era um segredo de algumas tribos, Peri com a sua inteligência e dedicação descobrira um meio de vencer ele só aos inimigos, apesar do seu número e da sua força.

Sabia a violência e o efeito pronto daquela arma que seu pai lhe confiara na hora da morte; sabia que bastava uma pequena parcela desse pó sutil para destruir em algumas horas a organização a mais forte e a mais robusta. O índio resolveu pois usar deste poder que na sua mão heroica ia tornar-se um instrumento de salvação e o agente de um sacrifício tremendo feito à amizade.

Dois frutos bastaram; um serviu para envenenar a água e as bebidas dos aventureiros revoltados; e o outro acompanhou-o até o momento do suplício, em que passou de suas mãos aos seus lábios.

[...]

O que porém dava a esse plano um cunho de grandeza e de admiração, não era somente o heroísmo do sacrifício; era a beleza horrível da concepção, era o pensamento superior que ligara tantos acontecimentos, que os submetera à sua vontade, fazendo-os suceder-se naturalmente e caminhar para um desfecho necessário e infalível.

[...]

Atacando os Aimorés, a sua intenção era excitá-los à vingança; precisava mostrar-se forte, valente, destemido, para merecer que os selvagens o tratassem como um inimigo digno de seu ódio. Com a sua destreza e com a precaução que tomara tornando o seu corpo impenetrável, contava evitar a morte antes de poder realizar o seu projeto; quando mesmo caísse ferido, tinha tempo de passar o veneno aos lábios.

A sua previsão porém não o iludiu; tendo conseguido o que desejava, tendo excitado a raiva dos Aimorés, quebrou a sua arma e suplicou a vida ao inimigo; foi de todo o sacrifício o que mais lhe custou.

Mas assim era preciso; a vida de Cecília o exigia; a morte que o havia respeitado até então podia surpreendê-lo; e Peri queria ser feito prisioneiro, como foi, e contava ser.

ALENCAR, José de. *O guarani*. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p. 258-260.





### Resumo do texto

Nesse fragmento, Peri conta à família Mariz o plano que inventou para salvá-la. Explique, resumidamente, esse plano.

No trecho de *O guarani*, há referência ao ritual de devoração dos inimigos, sobre o qual Alencar escreveu esta nota de rodapé no romance *Ubirajara*.

Outro ponto em que assopra-se a ridícula indignação dos cronistas é acerca da antropofagia dos selvagens americanos.

[...] Mas antes de tudo cumpre investigar a causa que produziu entre algumas, não entre todas as nações indígenas, o costume da antropofagia. [...]

A vingança pois esgotava-se com a morte. O sacrifício humano significava uma glória reservada aos guerreiros ilustres ou varões egrégios quando caíam prisioneiros. Para honrá-los, os matavam no meio da festa guerreira; e comiam sua carne que devia transmitir-lhes a pujança e valor do herói inimigo.

Esse pensamento ressalta dos mesmos pormenores com que os cronistas exageraram o costume sacrifício.

ALENCAR, José de. *Ubirajara*. São Paulo: FTD, 1994. p. 47-49.

- a) Explique que função cumpre uma nota desse tipo.
- b) Em *O guarani*, não há nota explicativa sobre o ritual; este deve ser compreendido pela fala de Peri. Por meio de quais informações o leitor pode entender sua importância?
- c) Em uma passagem anterior do romance, dom Mariz comenta sobre Peri. "Desde o primeiro dia que aqui entrou, salvando minha filha, a sua vida tem sido um só ato de abnegação e heroísmo. Crede-me, Álvaro, é um cavalheiro português no corpo de um selvagem!"
  - a) Das características valorizadas por dom Mariz, qual delas aparece na passagem em que fala Peri?
  - b) Dentre os atributos vistos por dom Mariz, qual é o mais importante para o próprio Peri? Explique.
  - c) Note, na passagem, que o narrador indicou também outra qualidade desse herói. Identifique-a e comente-a.
  - d) Mesmo valorizando a raça que primeiro povoara o Brasil, o indianismo revelou uma visão ética e moral eurocêntrica, ou seja, apegada à sociedade europeia. Essa visão se revela na fala de dom Antônio de Mariz? Revela-se nos atos de Peri?
- d) Na ilustração ao lado, o autor Angelo Agostini optou por um indígena para representar o Brasil. Compare a simbologia dessa ilustração com a simbologia de *O guarani* e escreva um parágrafo a respeito da intenção de ambos os textos.

▼ Ilustração do desenhista italiano Angelo Agostini (1843-1910).



AGOSTINI, Angelo. *Índio cansado representando o império*, s.d.

### Repertório

#### Indianismo e identidade nacional

A construção de uma identidade nacional afinada com a visão do indígena era uma herança inventada, pois os nativos não haviam participado de maneira relevante da formação do povo brasileiro, e suas influências linguísticas e culturais eram poucas diante do modelo europeu. As convenções românticas que marcaram boa parte do indianismo deixaram de lado as condições reais de vida dos indígenas, bem como o desaparecimento violento de muitos povos e tribos.

José de Alencar tratou essa questão de modo discreto e até superficial. Em *Iracema*, contudo, uma fala de Batuireté, chefe indígena idoso, prevê a destruição de seu povo pelos portugueses, e isso também estaria sugerido no sacrifício da protagonista.

Em 1844, E. Thiesson produziu uma série de retratos de um casal de indígenas Botocudo levado para a França em nome do interesse pela pluralidade cultural demonstrado na Europa.

THIESSON, E. *Mulher Botocudo*, 1844. Fotografia. Coleção Jacquart, Fototeca do Museu do Homem, Paris, França.





## Alencar regional: recortes do Brasil

O regionalismo de Alencar corresponde a um desdobramento de seu indianismo, pois o autor o usou para criar, também, mitos de origem do país. Elegeu, para isso, figuras masculinas das áreas distantes dos centros mais desenvolvidos, cuja autêntica brasilidade estaria preservada pela falta de contato estreito com os portugueses. Assim, o escritor pôde compor um quadro social bem abrangente do Brasil, ao colocar em cena sertanejos gaúchos, fluminenses e paulistas interioranos.

Nesse tipo de romance, além de retratar a fauna e a flora da região, Alencar revela, com grande poder criativo, particularidades culturais da sociedade rural. É o que se percebe neste trecho de *O sertanejo*, no qual Arnaldo explica para sua mãe por que não acatará as ordens do capitão-mor, principal autoridade da região.

### Margens do texto

1. Que traços são utilizados para definir o perfil de Arnaldo, o protagonista?
2. Compare, por semelhança ou contraste, Arnaldo, de *O sertanejo*, e Peri, de *O guarani*.

— Não cometi nenhum crime para carecer de perdão, mãe. Justa denunciou no semblante a estranheza que lhe causavam as palavras do filho:

— Pois não desobedeceste ao senhor capitão-mor, Arnaldo?

— Para desobedecer-lhe era preciso que ele tivesse o poder de ordenar-me que fosse um vil; mas esse poder, ele não o possui, nem alguém neste mundo. O senhor capitão-mor exigiu de mim que lhe entregasse Jó, e eu recusei.

— Mas filho, o senhor capitão-mor não é o dono da Oiticica? Não é ele quem manda em todo este sertão? Abaixo de El-rei que está lá na sua corte, todos devemos servi-lo e obedecer-lhe.

— Pergunte aos pássaros que andam nos ares, e às feras que vivem nas matas, se conhecem algum senhor além de Deus? Eu sou como eles, mãe.

— Tu és meu filho, Arnaldo. Lembra-te do que foi para teu pai esta casa onde nasceste, e do que ainda é hoje para tua mãe.

— Os benefícios, eu os pagarei sendo preciso com a vida; mas essa vida que me deu, mãe, se eu a vivesse sem honra, meu pai lá do céu me retiraria sua bênção.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Ática, 1975. p. 80-81.

O fragmento mostra valores e costumes do universo interiorano. Por ele, sabe-se do poder quase irrestrito do capitão-mor, que assume a função do Estado na região, determinando regras, exigindo seu cumprimento e punindo os desobedientes. Sabe-se, igualmente, que a família do protagonista recebeu benefícios desse proprietário e, por isso, sente-se em dívida permanente. Trazidos da realidade, esses fatos documentam como eram as relações entre proprietários e empregados no sertão.

É nesse universo peculiar que surge Arnaldo, o herói idealizado em quem se une a tradição europeia do homem honrado com os traços particulares do sertanejo do Brasil. Note que, assim como no romance indianista, os elementos do cenário nativo — a liberdade dos pássaros e das feras — são colocados na composição da personagem para criar o mito. As virtudes do homem interiorano são destacadas e muitas vezes confrontadas com as características do homem da cidade, vil ou insignificante. É uma forma de Alencar criticar o progresso, quando este altera os valores e a fisionomia das regiões.

▼ A tela de Pedro Weingärtner retrata uma cena de costumes em que estão representados carreteiros gaúchos em momento de descanso. O pintor, atento aos detalhes, usou formas e cores bem definidas para obter a precisão da cena. Sua obra ganha, por isso, traços de um “realismo documental”, semelhante ao que se vê em alguns romances regionalistas da época.

WEINGÄRTNER, Pedro. *Pousada de carreteiros*, 1914. Óleo sobre tela, 37 cm × 73 cm. Pinacoteca Aplub, Porto Alegre.





## Alencar urbano: análise de costumes

Nos romances urbanos, a figura feminina emerge e recebe caracterização psicológica repleta de sutilezas e ambiguidades. Por isso é comum a alusão a tipos de mulheres construídos por José de Alencar.

Em suas principais obras do ciclo urbano, *Lucíola* (1862), *Diva* (1864) e *Senhora* (1875), o autor trata de mulheres de personalidade forte, responsáveis por suas próprias vidas; incomuns, portanto, para a sociedade da época. Em *Senhora*, a protagonista Aurélia, subitamente enriquecida por herança do avô, “compra” o homem que ama, oferecendo-lhe um dote substancial. Este a abandonara, quando era pobre, por uma moça rica. E agora, necessitado, aceitará o contrato de casamento. Nesta passagem, ela encontra Fernando Seixas, com quem acabara de se casar, por ter aceitado

— a riqueza que Deus me concedeu chegou tarde; nem ao menos permiti-me agradecer da ilusão, que têm as mulheres enganadas. Quando a recebi, descobri o mundo e suas misérias; já sabia que a moça rica é um arranjo para uma esposa; pois bem, disse eu, essa riqueza servirá para dar-me a satisfação que ainda posso ter neste mundo. Mostrar a esse homem que me soube compreender, que mulher o amava, e que alma perdeu. Enquanto ainda eu afagava uma esperança. Se ele recusa nobremente a proposta arbitrária, eu irei lançar-me a seus pés. Suplicar-lhe-ei que aceite a minha riqueza, que a dissipe se quiser; mas consinta-me que eu o ame. Essa minha consolação, o senhor a arrebatou. Que me restava? Outrora atava-me a mulher ao homicida, para expiação da culpa; o senhor matou-me o marido, em justo que o prendesse ao despojo de sua vítima. Mas não se esqueça, o suplício não pode ser longo: este constante martírio que estamos condenados a acabar por extinguir-me o último dia, o senhor ficará livre e rico.

Alencar, José de. *Senhora*. São Paulo: Scipione, 1994. p. 87.



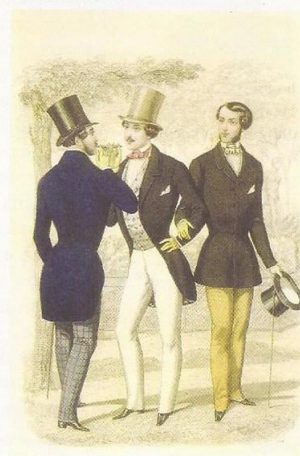
### Margens do texto

1. Qual aspecto da vida social do século XIX se destaca no trecho ao lado?
2. Por que Aurélia se refere à “ilusão das mulheres enganadas”?

— que as concepções românticas de Aurélia criam sua mágoa, pois ela acredita no amor único e verdadeiro; neste momento, porém, ela alimenta sua esperança, o que parece lhe dar vigor e autoridade. Entretanto, Aurélia não é uma “romanesca”, nem deseja abrir mão do destino da mulher, que era se casar. O conflito da trama está no desequilíbrio amoroso produzido pelo dinheiro na relação conjugal. Neste e em outros romances urbanos de José de Alencar, orgulho, covardia e amor ferido revelam a crítica do autor aos valores burgueses.

A tendência poderia ter levado o romance urbano de Alencar em direção ao realismo. Seus enredos e as convicções de seus personagens, no entanto, permanecem românticos. Na sequência dos acontecimentos, o narrador reconstrói a dignidade da mulher e mantém a idealização romântica. Enquanto se realista, e Aurélia pode amá-lo como homem honrado que ele passa a ser.

Os autores, mesmo movidos pela idealização romântica, os romances de Alencar exercem papel de documentos críticos da sociedade da época. Além disso, cumprem o papel de crônicas de costumes do Rio de Janeiro imperial ao descrever a vida bur-



▼ Ilustrações do *Novo Correio das Modas*: jornal do mundo elegante consagrado às famílias brasileiras. Moda e prosa ficcional faziam parte do conteúdo da publicação, dirigida ao público feminino do Rio de Janeiro oitocentista. O periódico circulou entre 1852 e 1854.



## Os homônimos e a ortografia

Você já sabe que os **homônimos** são palavras que apresentam identidade no significante em sua representação gráfica, mas significados distintos. Os **homônimos perfeitos** têm significantes e representação gráfica idênticos; os **homônimos homófonos** também partilham um mesmo significante, mas têm representações gráficas distintas; os **homônimos homógrafos** apresentam representação gráfica idêntica, mas alguma diferença sonora.

Homônimos dificilmente são confundidos pelos falantes, graças ao esclarecimento que o contexto garante no ato de comunicação. Na escrita, no entanto, é necessário dedicar atenção à grafia dos **homônimos homófonos**, já que, além da clareza, também está em jogo o respeito à convenção ortográfica da língua portuguesa.

1. Qual é o significado de cada palavra em destaque nas seguintes frases?

- a) I. No dia da competição, os jogadores acordaram muito **cedo**.  
II. Eu nunca **cedo** a chantagens.
- b) I. Crianças **são** muito ativas.  
II. O médico anunciou que o paciente estava **são** e salvo.

2. Leia em voz alta as frases a seguir.

- a) Quais são as diferenças e as semelhanças entre as palavras destacadas? Explique.

Estimulados por boas campanhas de *marketing*, os eleitores, muitas vezes, acabam por eleger políticos não somente desonestos, mas também **insipientes**, isto é, insensatos e ignorantes.

No Brasil, os estudos sobre direito eletrônico são muito **incipientes**. A reflexão sobre esse tema é muito recente.

- b) Essas diferenças e semelhanças se manifestam em que níveis de descrição da língua?

3. Leia os trechos de notícias a seguir.

Cientistas de todo o mundo reúnem-se nesta terça-feira na cidade espanhola de Valência para discutir o Censo da Vida Marinha, um projeto de 10 anos que estuda os seres que vivem nos oceanos.

Cientistas discutem censo da vida marinha. *O Estado de S. Paulo*, 11 nov. 2008.

Disponível em: <[http://www.estadao.com.br/vidae/not\\_vid274927,0.htm](http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid274927,0.htm)>. Acesso em: 3 ago. 2009.

Em paralelo, também há muitos mitos sobre a vida, reprodução e hábitos do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da doença, que pairam sobre o imaginário popular, sobre o senso comum.

ALVES, Alecy. Mitos e verdades que rondam a dengue. *Diário de Cuiabá*, 15 abr. 2009.

Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=344089>>. Acesso em: 3 ago. 2009.

Nesta época do ano, percebe-se o costume de acender fogueiras e soltar fogos de artifício.

Perigos e cuidados com as festas juninas. *Correio Lageano*, 21 jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.correiolageano.com.br/htmlNoticia.php?id=11010&rc=0>>. Acesso em: 3 ago. 2009.

Além da infraestrutura de saúde, educação e lazer, ele destaca a prosperidade da região como um dos atrativos que o levaram a trocar as oportunidades da capital paulista pela chance de ascender profissionalmente [...]

SOUZA, Jean de. Região tem 6 cidades entre as melhores para se desenvolver. *Folha Ribeirão*, 26 jul. 2009.

- a) Identifique os pares de palavras com as mesmas relações de semelhança e diferença observadas em *incipiente* e *insipiente*.
- b) Qual é o significado dessas palavras nos contextos em que são usadas?



Completando as frases a seguir em seu caderno, completando-as com uma das palavras indicadas.

1. O acidente, a seção ou a cessão

2. Sempre ou sempre em uma fila como essa é ilegal.

3. O prazer de passar na ■ de congelados.

4. Por causa do trânsito, eles perderam a primeira ■ de cinema.

5. O conforto ou o assento

6. O perigo de ficar de pé porque o ■ parecia úmido.

7. Com a implantação do novo acordo ortográfico, não é mais utilizado o ■ diferencial.

8. Começar ou apressar

9. Os produtores de soja pretendem ■ a safra ainda hoje.

10. Não era necessário ■ os demais turistas, porque a chuva impediria a excursão.

11. O risco ou a cela

12. A imprensa denunciou a superlotação nas ■.

13. Quem não conseguiu cavalgar, pois perdeu a ■ do cavalo.

14. O cheque ou o cheque

15. Como em um jogo de xadrez, o diretor colocou em ■ nossa posição de consultores.

16. Onde não retirei o ■ de meu pagamento.

17. A cassada ou a caçada

18. Durante a ditadura, a imprensa teve sua liberdade ■.

19. A esposa foi ■.

20. O espectador ou o expectador

21. O ■ não gostou do espetáculo.

22. Foi um ■ de um futuro melhor.

23. A saia ou a saia



Fonte: *Pegando o pato*. Porto Alegre: LP&M, 2006. p. 20.

1. O que se comemora no dia do ancião?

2. Que dia o galo entende que se comemora? Que significado, portanto, pode ser atribuído ao neologismo "ansião"?

3. Leia em voz alta as frases a seguir.

**Colher** ervas do campo, na Sexta-Feira Santa, é uma tradição do Rio Grande do Sul.

O costume de escrever versos de amor em uma **colher** de pau é uma antiga tradição de Vila do Conde, cidade de Portugal.

Quais as diferenças e semelhanças entre as palavras destacadas nesses trechos? Explique.

Palavras **homônimas** apresentam a mesma sequência de fonemas e a mesma acentuação tônica, embora tenham significados diferentes, em razão de sua origem distinta. Os **homônimos** ortográficos, que têm a mesma pronúncia, mas grafias diferentes, são os que causam dúvida ao falante no momento da escrita, uma vez que as duas formas lhe são conhecidas e estão em sua memória ortográfica. Em caso de dúvida, deve-se sempre consultar um dicionário.



## Parônimos e Homônimos - Teoria e Listagem

Escrito por Prof. Eneida



- **Homônimos:** vocábulos que se pronunciam da mesma forma, e que diferem no sentido.
- **Homônimos perfeitos:** vocábulos com pronúncia e grafia idênticas (homófonos e homógrafos). Ex.:  
São: 3ª p. p. do verbo ser. - Eles são inteligentes.  
São: sadio. - O menino, felizmente, está são.  
São: forma reduzida de santo. - São José é meu santo protetor.
- **Homônimos imperfeitos:** vocábulos com pronúncia igual (homófonos), mas com grafia diferente (heterógrafos). Ex.:  
Cessão: ato de ceder, cedência  
Seção ou secção: corte, subdivisão, parte de um todo  
Sessão: espaço de tempo em que se realiza uma reunião
- **Parônimos:** vocábulos ou expressões que apresentam semelhança de grafia e pronúncia, mas que diferem no sentido. Ex.:  
Cavaleiro: homem a cavalo  
Cavalheiro: homem gentil

### 2. Lista de Homônimos e Parônimos

**Acender** - pôr fogo a

**Ascender** - elevar-se, subir

**Acento** - inflexão de voz, tom de voz, acento

**Assento** - base, lugar de sentar-se

**Acessório** - pertences de qualquer instrumento ou máquina; que não é principal

**Assessório** - diz respeito a assistente, adjunto ou assessor

**Aço** - ferro temperado

**Asso** - do v. assar

**Anticéptico** - contrário ao cepticismo

**Antisséptico** - contrário ao pútrido; desinfetante

**Asar** - guarnecer de asas

**Azar** - má sorte, ocasionar

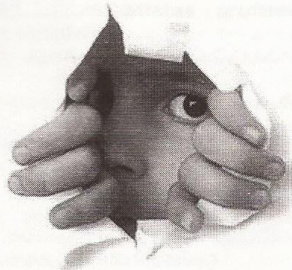
**Brocha** - tipo de prego

**Broxa** - tipo de pincel

**Caçado** - apanhado na caça

Normando de Matos Fátora

**EXERCÍCIOS SOBRE PARÔNIMAS**



Complete os espaços com uma das opções:

1. Denomina-se interseção .....o ponto em que duas linhas se cruzam.( intercessão - interseção)
2. Cidadãos eminentes .....antecederam-me neste cargo.( eminentes - iminentes)
3. Ao fim das investigações, a verdade emergiu.....( imergiu - emergiu)
4. É inadmissível que se discriminem.....pessoas por religião, sexo ou cor.( descrimnem - discriminem)
5. Se as leis forem infringidas as penas serão aplicadas.( infringidas - infrigidas)
6. As despesas com a reforma do prédio serão vultosas.....( vultosas - vultuosas)
7. O candidato portou-se com discrição .....e habilidade.( discreção - discríção)
8. Sua intervenção causou sensível mal .....- estar.( mal - mau)
9. O locatário detratou ..... o locador quando este foi lhe cobrar.( destratou - distratou)
10. Se você subscritor .....mal o envelope, a correspondência não chegará ao seu destino.( sobrescritar - subscritar)
11. No recibo, deve-se discriminar .....todas as despesas. ( descriminar - discriminar)
12. O governo taxou ..... as bebidas e os cigarros.( tachou - taxou)
13. Por sua abnegação e solidariedade, tacharam .....no de benfeitor da humanidade.( tacharam - taxaram)
14. Como tivesse rompido o compromisso, os colegas tacharam .....no de covarde.(tacharam - taxaram)
15. Está iminente ..... a mudança da legislação salarial.( eminente - iminente)
16. Os culpados terão de expiar .....suas faltas.(expiar - espíar)
17. Grupos de mulheres formam grupos que visam à discriminação .....do aborto.( descriminação - discriminação)
18. A mãe infringia .....castigos medievais aos filhos.( infligia - inflingia)
19. O mandato .....de prisão deve conter a assinatura do juiz.( mandado - mandato)
20. O mandato .....dos representantes classistas é de três anos.( mandado - mandato)
21. Durante sua estadia .....em Porto Alegre, foi alvo de homenagens.( estada - estadia)
22. O ministro prometeu taxar ..... a importação do leite .( tachar - taxar)
23. Encontrando-se numa ilhota, boiando, os braços e as pernas emergindo .....da água suja.( emergindo - imergindo)
24. Concluído o mandato .....de deputado, voltou a sua atividade empresarial.( mandado - mandato)
25. A viatura sinistra permaneceu no conserto .....uns vinte dias.( concerto - conserto)



**ANEXO 3**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO GERAL DE ESTÁGIOS**

**PLANO DE AULA 3**

**DISCIPLINA: Língua Portuguesa e Literatura**

**ESTAGIÁRIO: Rossana Flávia Cunha Henriques Baracho**

**SÉRIE: 2º Ano “A” – Ensino Médio**

**TURNO: Noite**

**PROFESSOR REGENTE: Alcione da Silva Santos**

**DURAÇÃO: 4 horas/aulas**

**1. Conteúdo:**

- Estudo da obra de José de Alencar
- Poesia;
- Figuras de Linguagem.

**2. Objetivo Geral:**

- Fazer com que os alunos reconheçam os elementos que compõem uma poesia.

**3. Objetivos Específicos:**

- Formar leitores capazes de compreender o que leem e colocar seu ponto de vista crítico;
- Identificar o Romantismo como período literário, relacionando José de Alencar ao estilo romântico;
- Distinguir as características do Romantismo Brasileiro e seus principais representantes;
- Conceituar figuras de linguagem e a sua importância para os escritores do período romântico.

#### **4. Metodologia / Procedimentos:**

- **Exposição do conteúdo e definição geral.**
  - **Anotação no quadro do conteúdo e cronograma das aulas.**
- **Análise de vários fragmentos de textos de representantes do romantismo no Brasil.**
- **Relacionar os textos das músicas de Índia (Roberto Carlos) e Letra Monte Castelo (Renato Russo), mostrando como a temática do amor muda com o passar das gerações. Qual a temática da música de Roberto Carlos e Renato Russo e qual a visão de cada uma? Elas podem ser consideradas poemas?**
  - **Ler os fragmentos de O guarani e de Lucíola de José de Alencar, apontando semelhanças e diferenças entre estes clássicos da literatura brasileira.**
    - **Durante as leituras, explorar os homônimos.**
    - **Execução das atividades solicitadas no livro texto.**
- **Considerações finais e chamada.**
  - **Solicitar que os alunos tragam uma releitura das obras trabalhadas**

#### **5. Recursos:**

- **Quadro, giz, data show, notebook, micro system.**

#### **6. Avaliação:**

- **Os alunos serão avaliados de acordo com o envolvimento nas atividades propostas.**

#### **7. Referências:**

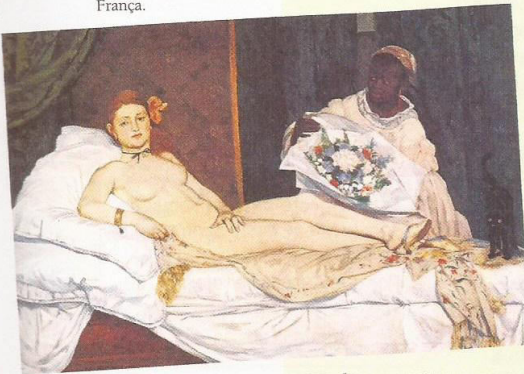
**BARRETO, R. G. Português: ensino médio, 2º ano. São Paulo: Edições SM, 2010.**

**CEREJA, W. R. Português: linguagens. Volume 2: ensino médio, 5ª e.d., São Paulo: Atual, 2005.**

## Sua leitura

O fragmento a seguir foi extraído de *Lucíola* e narra a apresentação de Paulo a Lúcia, personagem descrita como uma famosa cortesã do Rio de Janeiro.

MANET, Édouard.  
*Olympia*, 1963. Óleo  
sobre tela,  
103,5 cm × 190 cm.  
Museu d'Orsay, Paris,  
França.



▲ O quadro *Olympia*, de Édouard Manet, causou escândalo ao ser exibido no Salão Oficial de 1863. A tela mostra uma cortesã nua, que seduzia, pelo olhar, o observador. O termo *cortesã* era empregado para se referir a mulheres que, em troca de luxo e *status*, ofereciam-se a homens poderosos.

## Vocabulário de apoio

**bonomia:**

bondade

**diáfano:** delicado**fatuidade:**

presunção, vaidade

**laivo:** indício**profano:**

indivíduo que não é iniciado em certos conhecimentos

**provinciana:** que não pertence à capital**ressumbrar:**

revelar

A lua vinha assomando pelo cimo das montanhas fronteiras; descobri nessa ocasião, a alguns passos de mim, uma linda moça, que

parara um instante para contemplar no horizonte as nuvens brancas esgarçadas sobre o céu azul e estrelado. Admirei-lhe do primeiro olhar um talhe esbelto e de suprema elegância. O vestido que o moldava era cinzento com orlas de veludo castanho e dava esquisito realce a

um desses rostos suaves, puros e diáfanos, que parecem vão desfazer-se ao menor sopro, como os tênues vapores da alvorada. Ressumbrava na sua muda contemplação doce melancolia e não sei que laivos de tão ingênua castidade, que o meu olhar repousou calmo e sereno na mimosa aparição.

— Já vi esta moça! disse comigo. Mas onde?...

Ela pouco demorou-se na sua graciosa imobilidade e continuou lentamente o passeio interrompido. Meu companheiro cumprimentou-a com um gesto familiar; eu, com respeitosa cortesia, que me foi retribuída por uma imperceptível inclinação da frente.

— Quem é esta senhora? perguntou a Sá.

A resposta foi o sorriso inexprimível, mistura de sarcasmo, de bonomia e fatuidade, que desperta nos elegantes da corte a ignorância de um amigo, profano na difícil ciência das banalidades sociais.

— Não é uma senhora, Paulo! É uma mulher bonita. Queres conhecê-la?...

Compreendi e corei de minha simplicidade provinciana, que confundira a máscara hipócrita do vício com o modesto recato da inocência. Só então notei que aquela moça estava só, e que a ausência de um pai, de um marido, ou de um irmão, devia-me ter feito suspeitar a verdade.

Depois de algumas voltas descobrimos ao longe a ondulação do seu vestido, e fomos encontrá-la, retirada a um canto, distribuindo

ALENCAR, José de. *Lucíola*. São Paulo: Ática, 1995. p. 13-16.

algumas pequenas moedas de prata à multidão de pobres que a cercava. Voltou-se confusa ouvindo Sá pronunciar o seu nome:

— Lúcia!

— Não há modos de livrar-se uma pessoa desta gente! São de uma impertinência! disse ela mostrando os pobres e esquivando-se aos seus agradecimentos.

Feita a apresentação no tom desdenhoso e altivo com que um moço distinto se dirige a essas sultanas do ouro, e trocadas algumas palavras triviais, meu amigo perguntou-lhe:

— Vieste só?

— Em corpo e alma.

— E não tens companhia para a volta?

Ela fez um gesto negativo.

— Neste caso ofereço-te a minha, ou antes a nossa.

— Em qualquer outra ocasião aceitaria com muito prazer; hoje não posso.

— Já vejo que não foste franca!

— Não acredita?... Se eu viesse por passeio!

— E qual é o outro motivo que te pode trazer à festa da Glória?

— A senhora veio talvez por devoção? disse eu.

— A Lúcia devota!... Bem se vê que a não conheces.

— Um dia no ano não é muito! respondeu ela sorrindo.

— É sempre alguma coisa, repliquei.

Sá insistiu:

— Deixa-te disso; vem conosco.

— O senhor sabe que não é preciso rogá-me quando se trata de me divertir. Amanhã, qualquer dia, estou pronta. Esta noite, não!

— Decididamente há alguém que te espera.

— Ora! Faço mistério disto?

— Não é teu costume decerto.

— Portanto tenho o direito de ser acreditada. As aparências enganam tantas vezes! Não é verdade? disse voltando-se para mim com um sorriso.

Não me lembra o que lhe respondi; alguma palavra que nada exprimia, dessas que se pronunciam às vezes para ter o ar de dizer alguma coisa.

Quanto a Lúcia, fazendo-nos um ligeiro aceno com o leque, aproveitou uma aberta da multidão e penetrou no interior da igreja, em risco de ser esmagada pelo povo.



### Sobre o texto

No capítulo, o narrador apresenta a protagonista da história.

Que impressão inicial a moça lhe causa?

O diálogo que o narrador e seu amigo têm com ela confirma essa impressão? Por quê?

No final do mesmo capítulo, o narrador, que na verdade está escrevendo uma longa carta, comenta com a senhora que a vai receber:

Nunca lhe sucedeu, passeando em nossos campos, admirar alguma das brilhantes parasitas que pendem dos ramos das árvores, abrindo ao sol a rubra corola? E quando ao colher a linda flor, em vez da suave fragrância que esperava, sentiu o cheiro repulsivo de torpe inseto que nela dormiu, não a atirou com desprezo para longe de si?

a) Explique a metáfora das "brilhantes parasitas", considerando a impressão que a moça causa no narrador.

b) Considere o sentido da palavra *parasita* e procure relacioná-lo à visão do narrador-personagem sobre Lúcia.

O primeiro parágrafo do fragmento mostra um aspecto estilístico típico das narrativas de Alencar. Identifique-o e comente-o.

As narrativas urbanas apresentam as convenções sociais do período.

a) Qual convenção é importante para compreendermos a condição diferenciada da vida de Lúcia? Explique.

b) O que a presença de Lúcia em uma festa popular sugere sobre a sociedade do período?

O trecho contrapõe doutor Sá e Paulo, homens com diferentes conhecimentos da sociabilidade da corte. Compare-os e justifique essa diferença.

### Repertório

#### Entre As asas de um anjo e Lucíola

No Romantismo, era preciso também criar a arte teatral no Brasil para a solidez de nossa identidade – como diziam os intelectuais da época. E José de Alencar foi um fértil criador de dramas e comédias. Uma de suas peças, porém, gerou grande alarde: *As asas de um anjo* (1857) foi suspensa logo ao início das representações. Julgada pelos censores do Rio de Janeiro como "ofensiva à moral pública", por tratar da vida de uma mulher que se tornara cortesã na vida fluminense, criou grande repercussão em nossos jornais. Entretanto, o romance *Lucíola*, publicado em 1862, novamente trataria desse assunto. Com enredo bastante similar ao da peça, o romance, publicado sob pseudônimo, não enfrentou restrições, e os leitores não se indignaram, tomando-o como exemplo didático de moralização da sociedade.

Dom Pedro II, aqui representado em caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, polemizou muito com Alencar em jornais a respeito da literatura e das artes no país.

PINHEIRO, Rafael Bordalo. Caricatura de dom Pedro II.



### O que você pensa disto?

Como vimos, em seus romances urbanos, José de Alencar também critica explicitamente a sociedade movida por interesses financeiros. Nos romances indianistas e regionalistas, embora indireta, a crítica é feita pela construção de heróis exemplares, opostos aos homens que viviam os vícios da corte. Alencar registrou, de várias formas, o mal-estar com certos valores sociais, como o casamento por interesse, a vida de parasita das cortesãs ou mesmo a subserviência financeira a um senhor regional.

- Tente se lembrar de manifestações culturais de nossa época no cinema, na música, nas artes plásticas, etc., que também critiquem a excessiva valorização da aparência e do dinheiro. Opine sobre a importância e o alcance dessas críticas.



Nesta obra, o artista plástico Andy Warhol questiona claramente os valores da sociedade capitalista e o modo de vida norte-americano.

WARHOL, Andy. *Dollar Sign*, 1981. Silk-screen e acrílica sobre tela, 229 cm × 178 cm. Coleção particular.

## O GUARANI



Escrito originalmente em folhetim, entre fevereiro e abril de 1857, com 54 capítulos, O Guarani teve tal êxito na edição folhetinesca que, antes do fim do ano de 1857, foi publicado em livro, com alterações mínimas em relação ao que fora publicado em jornal.

A narrativa de O Guarani é simples, mas não simplista. Trabalhando habilidosamente as possibilidades e contradições do romance romântico, vale-se com muita liberdade da trama novelesca, da coloração épica, do devaneio lírico, da anotação histórica da e fabulação mítica e lendária, do ímpeto ideológico nacionalista e de elevada carga simbólica, tudo isso revestido de uma profusão de luzes e cores que invade a pupila do leitor, como se ele estivesse assistindo a um espetáculo grandioso, povoado pelas forças da natureza e por titãs, absorto pela beleza da cena, mais do que pelos pormenores da intriga.

### **Personagens:**

Peri: índio valente, corajoso, chefe da nação goitacá, o Guarani.

Ceci (Cecília): moça linda, de doces olhos azuis, gênio travesso, mas meiga, suave, sonhadora, herdeira da força moral interior de seu pai, D. Antônio Mariz.

Isabel: moça morena, sensual, de sorriso provocador; filha bastarda de D. Antônio Mariz com uma índia, oficialmente sobrinha dele e prima de Ceci.

D. Antônio Mariz: fidalgo português da mais pura estirpe.

Dona Lauriana: senhora paulista, de cerca de cinquenta anos, magra, forte, de cabelos pretos com alguns fios brancos; um tanto egoísta, soberba, orgulhosa, diferente do marido, D. Antônio Mariz.

D. Diogo Mariz: jovem fidalgo, na “flor da idade”, que passa o tempo em caçadas e correrias; tratado com rigidez pelo pai, D. Antônio Mariz, em nome

da honra da família.

Loredano: um dos aventureiros da casa do Paquequer; italiano, moreno, alto, musculoso, longa barba negra, sorriso branco e desdenhoso, ganancioso, ambicioso; ex-padre (Frei Ângelo de Luca), religioso traidor de sua fé.

## LUCÍOLA



Em todos os romances urbanos, Alencar aborda o amor como tema central. Ou, para ser mais exato, "aborda a situação social e familiar da mulher, em face do casamento e do amor". Mas o amor como o entendia a mentalidade romântica da época, um amor sublimado, idealizado, capaz de renúncias, de sacrifícios, de heroísmos e até de crimes, mas redimindo-se pela própria força acrisoladora de sua intensidade e de sua paixão. Subjetivismo - O mundo do romântico gira em torno de seu "eu": do que ele sente, do que ele pensa, do que ele quer. Por isso o poeta e o personagem na ficção romântica estão em contínua desarmonia com os valores e imposições da sociedade e/ou da família. Em *Lucíola* encontram-se pelo menos duas grandes manifestações desse subjetivismo romântico.

**Personagens** - Em *Lucíola* uma personagem apresenta grande complexidade psicológica, a par do idealismo romântico com que foi concebida:

Lúcia - Sua principal característica é a contradição. Como cortesã era a mais depravada. Basta que se lembre da orgia romana em casa de Sá. No entanto, a prostituição era-lhe um tormento constante, já que não se entregava totalmente a ela. E os atos libidinosos constituíam para ela verdadeira autopunição aliada à angustiante sentimento de culpa. Coexistem nela duas pessoas: Maria da Glória, a menina inocente e simples, e Lúcia, a cortesã sedutora e caprichosa. No livro, sobressai a Lúcia, Lúcifer, onde aparece 348

vezes contra 10 vezes como Maria da Glória, anjo. Tal disparidade realça o motivo do romance: à proporção que Lúcia vai amando e sendo amada por Paulo, ela vai assumindo a Maria da Glória, sua verdadeira personalidade. E reencontra assim, através dele, a dignidade e inocência perdidas. Pode-se expressar essa duplicidade da seguinte maneira:

Lúcia, mulher, depravação, luxúria, sentimento de culpa, prostituição, caprichosa, excêntrica, rejeita o amor, demônio.

Maria da Graça, menina, pureza, ingenuidade, dignidade, inocência, simples, meiga, tende para o amor, anjo. Perdida a virgindade física, Lúcia, por meio da compreensão e amor de Paulo, tende para a virgindade do espírito. "Elas não sabem, como tu, que eu tenho outra virgindade, a virgindade do coração!" Para isso renuncia a qualquer amor sensual. Mesmo ao de Paulo, de quem fora amante e a quem passou a negar um simples beijo. Depois que ela o conheceu, não se entregou a nenhum outro homem. É por isso que não cria no amor de Margarida, de A Dama das Camélias, porque ela não negou ao seu amado Armando o corpo que tantos já haviam comprado.

Paulo - É um provinciano de Pernambuco, 25 anos, que veio tentar se estabelecer no Rio de Janeiro. O romance não esclarece se ele é ou não formado. Sugere apenas. É o narrador da história e como tal faz desviar a atenção do leitor para Lúcia e outros aspectos, não revelando certas informações suas. Os detalhes físico, por exemplo. Coisa, aliás, rara em José de Alencar, tratando-se de personagem central.

Os demais personagens são secundários face aos dois protagonistas. Dr. Sá e Cunha - Amigos de Paulo, sendo aquele desde a infância. Encarnam a moral burguesa e suas máscaras: austera com os outros, benigna consigo. Não possuem personalidade bem delineada no livro. Ambos vêm em Lúcia apenas a prostituta.

Couto e Rochina - O primeiro é um velho dado a jovem galante. Encarna a obsessão sexual e a velhice. Representa a sociedade que explora e corrompe. Foi quem aproveitou a necessidade e inocência de Lúcia. O segundo é um jovem de 17 anos, tez amarrotada, profundas olheiras, velho prematuro. Libertino precoce. Eles aparecem assim no romance: "O contraste do vício que apresentavam aqueles dois indivíduos: o velho galanteador, fazendo-se criança com receio de que o supusessem caduco; e o moço devasso, esforçando-se

por parecer decrépito, para que não o tratassem de menino; essa antítese vivia devia oferecer ao espectador cenas grotescas."

Laura e Nina - São meretrizes, como Lúcia, mas sem sua duplicidade de caráter. Não são capazes de "descer tão baixo" porém, não possuem a "nobreza e altivez" da protagonista.

Jesuína e Jacinto - Aquela, é mulher de 50 anos, seca e já encarquilhada. Foi quem recolheu Lúcia quando seu pai a expulsou de casa e a iniciou na prostituição. Este, é um homem de 45 anos, e "vive da prostituição das mulheres pobres e da devassidão dos homens ricos". Por seu intermédio Lúcia vendia as jóias ricas que ganhava e enviava o dinheiro à família pobre. É quem mantém a ligação misteriosa no livro, entre Lúcia e Ana. Enfim, é quem cuida dos negócios dela.

Ana - É a irmã de Lúcia, que a fez educar num colégio até os doze anos como se fosse sua filha. "Era o retrato de Lúcia, com a única diferença de ter uns longos e de louro cinzento nos cabelos anelados. Ana já conhecia a irmã e a amava ignorando os laços de sangue que existiam entre ambas." Lúcia tenta casá-la com Paulo para ser uma espécie de perpetuação e concretização de seu amor por ele: "Ana te darias os castos prazeres que não posso dar-te; e recebendo-os dela, ainda os receberias de mim. Que podia eu mais desejar neste mundo?"



**EXERCÍCIOS DE REVISÃO:**

1. (UFRR) A obra romanesca de José de Alencar introduziu na literatura brasileira quatro tipos de romances: indianista, histórico, urbano e regional. Desses quatro tipos, os que tiveram sua vida prolongada, de forma mais clara e intensa, até o Modernismo, ainda que modificados, foram:

a) Indianista e histórico;

b) Histórico e urbano;

c) Urbano e regional;

d) Regional e indianista;

e) Indianista e urbano;

2. (UFPR) Qual das informações sobre José de Alencar é correta?

a) Alencar inaugurou a ficção brasileira com a publicação de sua obra de Cinco minutos.

b) Alencar foi um romancista que soube conciliar um romantismo exacerbado com certas reminiscências do Arcadismo, manifestas, principalmente, na linguagem clássica.

c) Alencar, apesar de todo o idealismo romântico, conseguiu, nas obras *Lucíola* e *Senhora*, captar e denunciar certos aspectos profundos, recalcados, da realidade social e individual, em que podemos detectar um pré-realismo ainda inseguro.

d) A obra de Alencar, objetivando atingir a História do Brasil e a síntese de suas origens, volta-se exclusivamente para assuntos indígenas e regionalistas, sem incursões pelo romance urbano.

e) O indianismo de José de Alencar baseou-se em dados reais e pesquisa antropológica, apresentando, por isso, uma imagem do índio brasileiro sem deformação ou uma imagem do índio brasileiro sem deformação ou idealis.

3. (Fuvest) Poderíamos sintetizar uma das características do Romantismo pela seguinte aproximação de opostos:

a) Aparentemente idealista, foi, na realidade, o primeiro momento do Naturalismo Literário.

- b) Cultivando o passado, procurou formas de compreender e explicar o presente.
- c) Pregando a liberdade formal, manteve-se preso aos modelos legados pelos clássicos.